Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado

A memória torna o homem possível? Uma investigação nietzschiana

Rio de Janeiro
2018

Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado

A memória torna o homem possível? Uma investigação nietzschiana



Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Helena Lisboa da Cunha.

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

M149 Machado, Marcus Vinícius Monteiro Pedroza.
A memória torna o homem possível? Uma investigação nietzschiana / Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado. – 2018.
71 f.

Orientadora: Maria Helena Lisboa da Cunha.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Memória – Teses. 2. Esquecimento – Teses. 3. Criatividade – Teses. I. Cunha, Maria Helena Lisboa da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 159.953

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Marcus Vinicius Monteiro Pedroza Machado

A memória torna o homem possível? Uma investigação nietzschiana

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Aprovada em 08 de março de 2018.

Banca examinadora:

_____

Prof.ª Dra Maria Helena Lisboa da Cunha (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof. Dr. Renato Nunes Bittencourt

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

_____

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Rio de Janeiro

2018

De toda la memoria sólo vale
El don preclaro de evocar los sueños
Antonio Machado

RESUMO

MACHADO, M. V. M. P. *A Memória torna o homem possível?* Uma investigação nietzschiana. 2018. 71 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A presente dissertação tem como tema a memória, sua ação sobre a vida humana e suas consequências a partir das reflexões de Nietzsche. Na filosofia nietzschiana ela tem duas apresentações possíveis: uma fábrica de provas à espera de julgamento que mantém a identidade presa ao passado produzindo a má-consciência e o remorso e uma segunda que faz uso das lembranças como um instrumento de criação do homem por si mesmo, dando material para que suas ações ocorram de modo original. Esquecer também tem um lugar nessa rede em dois modos: uma versão paralisante da vida e outra que permite arranjos criativos a cada vez que se efetua. É necessário esclarecer que a memória não se divide em duas forças, e sim se manifesta de duas maneiras, ela não ocorre somente como a primeira caracterização ou como a segunda, pois ela atua no momento e da forma em que tem espaço, sempre de maneira simultânea no interior de um turbilhão de forças que sustentam o mundo.

Palavras chave: Memória. Esquecimento. Criatividade.

RESUMÉ

MACHADO, M. V. M. P. *La Memóire fais l'homme possible?* Une chérche nietzschiènne. 2018. 71 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Cette dissertation a comme thème la mémoire, sa action sur la vie humaine et les consequences à partir de Nietzsche. La mémoire dans la philosophie nietzschiene a deux presentations possibles: comme une fabrique de preuves que attendre le jugement et maintient la identité dans le passé, en cette place, elle est une fabrique de remords parce que elle est moralisant. La memóire a aussi une autre caractéristique, qui est plastique, cette autre aspect tourne les souvenirs instruments de criation de l'homme pour lui meme, elle donne material pour las actions humaines dans le monde de maniére original. L'oubli aussi a une place dans cette equation en deux moments: il y a une version qui paralise la vie et autre que permettre combinations créatifs chaque fois qui il agit. Il y a necessité de devenir claire qui la mémoire n'est pas une force qui les hommes peuvent choisir ses caracteristiques, elle opère dans le moment e de forme qui la vie la permettre, toujour de manière simultané en un moviment tourbillonante avec toutes forces presentes dans le monde.

Mots-clés: Mémoire. Oubli. Créativité.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	7
1	**UMA MEMÓRIA QUE MANTÉM O HOMEM IDÊNTICO A SI**	10
1.1	**A memória e a reatividade**	10
1.2	**A alma: uma criação para a permanência**	13
1.3	**A má-consciência: a memória é remorso**	16
1.4	**As lembranças são provas de correção**	18
1.5	**Uma interdição ao movimento**	19
1.6	**O "eu" e a modernidade**	21
1.7	**O niilismo passivo**	23
2	**A MEMÓRIA ATIVA**	27
2.1	**Memória e vontade**	27
2.2	**Criação**	30
2.3	**Crítica ao tratamento moderno dado à História**	35
2.4	**As forças e a memória**	38
2.5	**A identidade sem centro**	41
2.6	**Niilismo ativo**	43
2.7	**Perspectivismo e memória**	44
3	**SOBRE O ESQUECER**	48
3.1	**O Camelo, o Leão e a Criança**	48
3.2	**O não-lembrar que paralisa e uma memória que também o faz**	54
3.3	**A memória como redução e o esquecimento como abertura**	56
3.4	**Identidade e esquecimento**	59
3.5	**Esquecimento, estilo e obra**	61
	CONCLUSÃO	66
	REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

Esse texto foi concebido a partir da leitura de um conto de Borges: Funes, el memorioso. A história conta a vida de um jovem gaúcho que ao sofrer um acidente com seu cavalo ganha o dom de jamais esquecer um segundo sequer de tudo aquilo que lhe acontece. Tal habilidade, que o senso comum toma por uma benção, termina por apresentar-se como um problema insolúvel ao lançar o protagonista em uma lógica que o imobiliza e o faz classificar a realidade sistematicamente. O conto de Borges vai ao encontro de uma famosa afirmação de Nietzsche acerca da memória relembrada por Roxana Kreimer:

> Imagina Nietzsche que um homem incapaz de esquecer "não acreditaria sequer em seu próprio ser". Cada vez que se vê no espelho, Funes se surpreende ao encontrar enrugada sua própria cara. Tal homem, continua Nietzsche, "acabaria por não se atrever a mover um dedo". Examine, paralisado pela esmagadora catarata de sua memória, Funes "não se movia da cama". Passava as horas olhando "a figueira do fundo ou uma teia de aranha".[1]

A reflexão proposta por Nietzsche põe em xeque o que o senso comum habituou-se a chamar de memória e todos os seus benefícios. Um Poder prodigioso dessa monta antes de ser uma benção é uma maldição que o mundo contemporâneo parece desejar. Atribuir a ela o poder de um puro registro é colocá-la no mesmo patamar de um livro de contabilidade ou do disco rígido de um computador pessoal, ou seja, destruir seu poder de interpretação, criação e seleção em nome da acumulação.

As questões que se colocam são: Qual é a natureza da memória? Como a filosofia de Nietzsche responde a tal questão de forma eficiente? Como se articula com a crítica feita pelo filósofo ao modelo de conhecimento ocidental, que insiste em opor verdade e aparência valorizando a primeira e esvaziando a segunda? E a partir delas sair da definição mais tradicional e consagrada e a confrontar com as críticas a ela feitas ao longo de toda a obra do filósofo.

O desenvolvimento da memória nos caminhos da filosofia nietzschiana transita entre os polos da crítica do filósofo à tradição: entre a linearidade e a intensidade, entre a identidade e a desidentificação, entre a ordem e a descontinuidade e, por fim, entre a simultaneidade e a desincronicidade presentes na crítica feita à tradição ocidental.

O primeiro capítulo dedica-se a colocar as principais noções a respeito da memória consagradas pelo senso comum e pela tradição filosófica, articuladas com a Vontade de verdade criticada por Nietzsche. Ele desenvolve ideias ligadas a linearidade, organizando em

[1] KREIMER, Roxana. *Nietzsche, autor de "Funes, el memorioso". Crítica al saber residual de la modernidad.* Tradução própria.p1.

torno de si as noções de identidade e causalidade que são necessárias para a articulação da má-consciência. Uma memória que permanece e cola o homem à sua identidade é a consequência necessária a partir de tais conceitos.

No segundo capítulo ela apresenta-se em uma outra versão articulada com a Vontade de Potência[2], pensada como um dispositivo ativo e criativo que se articula ao jogo de forças. Ela não é apresentada como um depósito de lembranças, é um emaranhado de forças ativas que se entrelaçam para transformar o homem em um centro de ação.

O terceiro capítulo investiga a relação do esquecimento com as duas caracterizações da memória e como essa articulação contribui para manter os posicionamentos descritos acima. Desenvolve a ligação entre ele e a Culpa o que reforça as técnicas de manutenção da memória fazendo com que ela se aprofunde, por outro lado examina também a relação com a criação mostrando a possibilidade do esquecimento atravessar a memória sem obedecer uma ordem determinada para tornar possíveis novas ações.

Por fim, a memória segundo Nietzsche, aparece atendendo a uma dinâmica que se repete em todos os momentos de sua obra, guardadas as devidas proporções e dinâmicas de cada fase, o passado é força modeladora para todas as experiências possíveis da vida, é exploração e criação simultânea e grávida de significado que experimenta a existência.

A imagem que melhor resume a relação entre Nietzsche e a memória está contida nos relatos da viagem do filósofo a Itália, lugar onde ele abandona seus dois pilares até então: Wagner e Schopenhauer[3]. As epifanias que ocorrem por lá mostram justamente a formação plástica e intuitiva que ela tem na constituição da constelação conceitual nietzschiana. Uma dimensão menos de registro e mais de massa modulável, como apresenta o aforismo que segue:

> Considero todos os metafísicos e religiosos de pensar como resultado de uma insatisfação no homem de um impulso para o futuro superior e sobre-humano. Só que os homens quiseram refugiar-se no além em vez de construir o futuro. *Um mal-entendido das naturezas superiores, que sofrem com a feia imagem do homem*.[4]

É nessa busca que se colocam as palavras desse texto: delinear uma memória que pode ao invés de ser um grilhão que ata o homem ao passado tornar-se uma potência que se abre para o futuro. Uma memória que é um motor ao invés de uma bola de ferro só é possível se o

---

[2] A opção feita nesse texto é a de adotar o termo vontade de potência e não vontade de poder, por entender que ao referir-se a vontade de poder abre-se interpretações que a confundem com um querer o poder: poder político, poder de dominação e submissão do outro, que está longe do sentimento intensivo que é de fato, uma força de afirmação da vida que significa a vontade de potência.

[3] Sobre a referida viagem consultar o livro de Paolo D'iorio: *Nietzsche na Itália, a viagem que mudou os rumos da filosofia.*

[4] NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para depois de amanhã*. Tradução Karina Jannini.p.194.

homem for posto como um ponto nodal do fluxo de forças que é o mundo para Nietzsche, nesse cruzamento o homem torna-se capaz de criar significados para o mundo.

1 UMA MEMÓRIA QUE MANTÉM O HOMEM IDÊNTICO A SI

Uma Memória da vontade. É assim que Nietzsche refere-se à memória, na certa para a diferenciar de sua associação com o senso comum que é sinônimo de um guardado de lembranças, contudo não tem nada a ver com essa noção. Ela é anterior à moral e ao próprio homem como se apresenta atualmente. Em linhas gerais a memória da vontade é aquilo que dá constância ao homem e cria a consciência.

Em Nietzsche existe uma crítica constante em torno do modo como a modernidade trabalha a questão da consciência e sua relação com a memória, pois ela a define como um depósito de experiências vividas à disposição da consciência que, se não consegue dar conta de toda a realidade, é uma questão de tempo até fazê-lo. A crítica nietzschiana da consciência retira sua centralidade na relação entre o homem e o mundo, nesse sentido a memória precisa ter outras características além daquelas descritas acima. Ela ao invés de ser organizada sucessivamente organiza-se simultaneamente não se fazendo presente quando solicitada, mas municiando as ações humanas para além do que a consciência pode dar conta. Essa mudança da geometria da memória indica uma transformação de seu lugar na formação humana.

Os aspectos sucessivo e simultâneo da memória caracterizam-se, em linhas gerais, por o primeiro apresentar a lembrança como que guardada em uma caixa hermética e numerada para além de qualquer outra influência aguardando o momento de consulta, passiva; enquanto o segundo é pensado como um todo que está sempre presente e ativo.

Esse primeiro capítulo tem o objetivo de colocar as críticas que Nietzsche faz à modernidade e apontar os caminhos para onde elas levam no desenvolvimento de sua filosofia sem cair na fácil armadilha da leitura maniqueísta e moralista que involuntariamente fecha as portas para outras leituras mais potentes.

1.1 A memória e a reatividade

Dar constância ao homem, o colocar no tempo, torná-lo consciente ou da forma belíssima que Nietzsche coloca – "Criar um animal que pode fazer *promessas*"[5]. A memória faz isso pelo homem, ao permitir a promessa deixa de ser puro instinto e passa a ser instinto e consciência. Ela o dá o sentido da diferença e, ao fazê-lo, ver que um dia não é idêntico ao outro. Ao mesmo tempo faz com que ele possa enxergar as semelhanças entre as coisas do mundo, pois são comparáveis, mensuráveis e diferentes, torna-se capaz de desenvolver o

[5] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.p.47.

pensamento abstrato. A memória não nega o instinto, o direciona, pois é impossível negar aquilo sobre o que não há qualquer controle.

O grande mérito da memória articulada à consciência, é dar um caminho a força própria da natureza. Essa consciência que torna o homem capaz de prometer torna possível também dar direção à sua vontade, seu ímpeto. Uma força que o singulariza e o amaldiçoa como no conto de Kleist -Sobre o Teatro de Marionetes - onde o protagonista, um bailarino, se queixa de que por mais que ensaie não consegue se livrar de ter consciência daquilo que faz, o que o leva a não ser plenamente automático em suas ações deixando-o um pouco que seja mais distante da naturalidade dos movimentos automáticos:

> "E que vantagem teria esse títere sobre dançarinos vivos? "
> Que vantagem? Primeiramente uma vantagem negativa, meu excelente amigo, isto é, a de que nunca seria afetado. Pois a afetação aparece, como o senhor sabe, quando a alma ("vis motrix") se acha em algum outro ponto que o do centro de gravidade do movimento. Uma vez que o titereiro, na realidade, por meio do fio ou arame, não tem em seu domínio nenhum outro ponto exceto esse, todos os demais membros são, portanto, o que devem ser, mortos, puros pêndulos que obedecem à mera lei da gravitação; uma excelente qualidade, que buscamos debalde na maioria de nossos bailarinos.[6]

A memória dá ao homem a noção de sucessão do tempo e das coisas, e também a capacidade de se tornar constante e consistente. Assim, na obra *"Genealogia da Moral"*, principalmente na segunda dissertação, o filósofo evidencia as Mnemotécnicas que transformaram o bicho-homem em um ser capaz de prometer, exuberante e obediente somente a si mesmo, associando a capacidade de criar um caminho e segui-lo firmemente à capacidade de criar a si mesmo e manter-se íntegro. As mnemotécnicas criaram um modo terrível de manter a constância do homem, elas são um modo de dar direção à vontade e marcar no corpo as direções que devem ser seguidas.

> Esses alemães souberam adquirir uma memória com os meios mais terríveis, para sujeitar seus instintos básicos plebeus e a brutal grosseria destes: pense nos velhos castigos alemães, como o apedrejamento (- a lenda já fazia cair a pedra do moinho sobre a cabeça do culpado), a roda (a mais característica invenção, a especialidade do gênio alemão no reino dos castigos!), o empalamento, o dilaceramento ou o pisoteamento por cavalos (o "esquartejamento"), a fervura do criminoso em óleo ou vinho (ainda nos séculos XIV e XV), o popular esfolamento (corte de tiras), a excisão da carne do peito; e também a prática de cobrir o malfeitor de mel e deixá-lo às moscas, sob o sol ardente. Com ajuda de tais imagens e procedimentos, termina-se por reter na memória cinco ou seis "não quero", com relação aos quais se fez uma promessa, a fim de viver os benefícios da sociedade – e realmente! Com a ajuda dessa espécie de memória chegou-se finalmente "à Razão"! [7]

Em Nietzsche a vontade não é um querer, um desejo que caso não possa ser satisfeito passará após um tempo; ela é um impulso direcionado por todas as mnemotécnicas descritas

[6] KLEIST, Heinich Von. *Sobre o teatro de marionetes*. Tradução: Ianchelli Ghinzberg.p.30-31.
[7] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.51-52.

pela história presentes no corpo. Técnicas que não são totalmente conscientes e realizam o seu papel de direcionar a vontade.

> Todo o homem irrefletido é da opinião que a vontade é o único fator atuante, que o querer é algo de simples, puramente dado, indeduzível, compreensível-em-si. Está convencido de que, quando faz qualquer coisa como, por exemplo, dar uma pancada, é ele que a dá, e de que essa pancada, deu-a porque a quis dar. Não considera que haja nisso qualquer problema, basta-lhe unicamente o sentimento da vontade, não apenas para admitir causa e efeito, mas também para acreditar que compreende a sua relação. Do mecanismo do acontecer e do subtil trabalho multifacetado, que tem de ser levado a efeito para chegar ao acto de dar uma pancada, e ainda também da incapacidade da vontade em si para leva a efeito parcela mais insignificante desse trabalho, de tudo isso nada sabe.[8]

As mnemotécnicas ensinam como é possível desejar de um modo único alinhando o homem a uma entre inumeráveis perspectivas possíveis, se a vontade é um rio as mnemotécnicas são sua margem e dizem para onde ele deve seguir e faz como se fosse a única coisa possível. O filósofo nesse contexto destaca insistentemente que as técnicas incidem sobre o corpo, é ele que possui memória, é ele que sofre a dor das técnicas de fixação. É nesse contexto que o asceta, cria seu ideal e o fixa no corpo do homem, com suas técnicas de memorização.

O Ideal ascético nega todos os outros ideais aceitando somente as condições para que o seu aconteça, a vontade se manifesta apenas de uma forma e todas as outras possibilidades são interditadas. Esse ideal realiza seu intento negando o próprio movimento, a mudança é identificada com o próprio mal, é moralizada.

Indicar apenas uma única perspectiva ao manifestar a vontade associa impreterivelmente a existência à permanência e ao fazê-lo transforma a memória em uma caixa de guardados, pois o homem forçosamente repetirá sempre a si mesmo. O Ideal ascético aprisiona o homem em apenas uma forma possível e nega as outras. Assim, a memória afirma a todo instante o presente, pois narra sempre a mesma história e cada lembrança é guardada como um presente distante, pois é fixada na memória da mesma maneira como ocorreu, desse modo quando solicitada reaparece como uma ficha retirada de um arquivo. Segundo o Ideal ascético a memória é sempre permanente e a vontade se manifesta sempre do mesmo modo. Ele torna superlativa a força mantenedora que a memória possui como se o homem fosse prejudicado pela dose do remédio que toma, não pelo remédio em si mesmo:

---

[8] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.141-142.

> É possível que um povo mate-se a si mesmo por meio da história: algo como um homem que perde o sono. Ruminar é coisa de certos animais: mas arruinar-se de tanto ruminar parece ser o caso, vez por outra, do gado humano. Se tudo o que vem a ser se considera interessante, digno de estudo, logo faltará a medida e a sensibilidade para tudo o que se deve fazer; o homem torna-se indiferente no que é essencial.[9]

Isso não significa que os eventos se repetem sem fim na vida das pessoas, significa que para qualquer evento existe apenas uma resposta. O Ideal ascético é moralizante e divide o mundo entre o Pecado e a salvação, porém não existe salvação nesse mundo apenas pecado. Logo, a resposta para todas as questões é o pecado, pois é ele que se materializa no mundo. Agir moralmente põe-se então como um modo de salvar-se desse pecado. Aí reside a paralisia do mundo: enquanto tudo for pecado o homem virtuoso deve fugir dele. Não importa o evento, a resposta é sempre idêntica.

1.2 A alma: uma criação para a permanência

A alma foi uma criação feita para garantir a permanência do homem, resultado do direcionamento dos instintos para dentro, quando deveriam ser extravasados no mundo. Ela é o resultado da tomada de consciência do homem por si próprio e pela sua capacidade de moldar a si mesmo. Quando um sistema de interdições, criado pelo homem, começa a impor barreiras à expressão dos instintos aí surge a alma, resultado das proibições criadas por suas mnemotécnicas aplicadas ao corpo. O que o ascetismo faz é descolar a alma desse corpo desvalorizando-o. Esse corpo maldito impede o homem de realizar seu destino: tornar-se único. Essa é a inversão que Nietzsche tanto fala e deseja reverter, a famosa inversão nos valores morais feitos pela tradição cristã, o platonismo para o povo. Toda a virtude, toda a moral, toda a verdade pertence a quem é impotente.

> Até hoje não existiu, nunca e em parte alguma, semelhante ousadia na inversão, algo tão terrível, tão interrogativo e tão questionável como essa fórmula: ela prometia uma tresvaloração de todos os valores antigos. – Foi o Oriente, o *profundo* Oriente, foi o escravo oriental que desse modo se vingou de Roma e de sua tolerância nobre e frívola, do "catolicismo" romano da fé – e não foi jamais a fé, mas sim a liberdade em relação à fé, aquela semi-estóica e sorridente despreocupação com a seriedade da fé, o que irritou os escravos nos senhores, contra os senhores.[10]

Os valores cristãos escondem sua impotência com uma mentira: não há nada no mundo que interesse. Na leitura nietzschiana segundo a tradição cristã a alma aparece atada ao corpo, como um castigo que ela necessita sofrer para atingir o "reino dos céus".

---

[9] NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para Depois de Amanhã*. Tradução: Karina Jannini.p.30.
[10] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução Paulo César Souza.p.52.

> Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de *interiorização* do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina "alma". Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora.[11]

A necessidade humana de viver de maneira gregária, para que se possa deixar de viver na selvageria e viver em sociedade faz seus instintos serem violentamente represados e direcionados para dentro. Essa impotência atinge a qualquer homem "civilizado". Pois fazer com que o homem controle a si mesmo é fazê-lo criar para dentro de si, viver de um modo gregário não é fazer tudo o que possível, é fazer o que é permitido. O movimento de criação da alma, por si só, não é um movimento moral é um caminho necessário para criar um ser capaz de planejar o futuro. A alma passa a ser apropriada por um Ideal ascético que despreza o corpo no momento em que começa a ser posta como um depósito da retidão moral pelo escravo que despreza os instintos humanos e quer divinizar o homem, torná-lo santo. E ao fazê-lo retirar sua potência, sua força, torná-lo idêntico a um ideal. Retira a força de todos os corpos, pois o corpo do asceta já é vazio de potência, a moral de escravo é a moral do impotente.

> Essa vontade de se torturar, essa crueldade reprimida do bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo, aprisionado no "Estado" para fins de domesticação, que inventou a má consciência para se fazer mal, depois que a saída mais natural para esse querer-fazer-mal fora bloqueada – esse homem de má consciência se apoderou da suposição religiosa para levar seu auto martírio à mais horrenda culminância. Uma dívida com Deus: este pensamento tornou-se para ele um instrumento de suplício.[12]

Se ele não é potente de fato ele torna-se potente sobrenaturalmente quando esvazia o corpo de valor, pois o corpo é o lugar da selvageria e, ao lançar todas as possibilidades que pertencem a ele para a alma, o asceta decide sabotá-lo, adoecê-lo. Se tudo o que há de bom e justo não pertence a esse mundo corrupto o melhor a fazer é seguir a recomendação presente no mito de Sileno:

> Reza a antiga lenda que o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio Sileno, o companheiro de Dionísio. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: - Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer.[13]

---

[11] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.p.73.
[12] Idem.p.80-81.
[13] NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução J. Guinsburg.p.36.

A alma toma como função roer o corpo, até que ele desapareça. Desvalorizá-lo como, pensar o corpo como uma prisão e que a vida teria como fim libertar-se dele, destruir seu corpo até que a alma liberte-se e livre-se da culpa, do pecado:

> Apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimentos de culpa, ele veio a tomar forma – e que forma! O "pecado"- pois assim se chama a reinterpretação sacerdotal da "má-consciência" animal (da crueldade voltada para trás) – foi até agora o maior acontecimento na história da alma enferma: nela temos o mais perigoso e fatal artifício da interpretação religiosa.[14]

O corpo não deve desaparecer rapidamente, ele deve ser vilipendiado como uma punição pelo crime de existir. O pecado presente no corpo deve ser expiado antes dele ser finalmente destruído. A vida tornou-se um tribunal eterno, onde ninguém conhece a sentença, ao mesmo tempo em que todos estão condenados. O pecado é um artifício que o asceta cria para lidar com o devir. Talvez essa seja uma das coisas mais difíceis de perceber na obra de Nietzsche: o devir é a própria dinâmica da natureza. Então como lidar com a mudança? Criminalizando-a. Como lidar com o devir? Transformando-o em ilusão. Como lidar com a fraqueza do corpo? Desvalorizando-o.

> O olhar pessimista enfastiado, a desconfiança diante do enigma da vida, o gélido Não do nojo da vida - estas não são características de épocas de maior maldade do gênero humano: como plantas pantanosas que são, elas surgem apenas quando há o pântano que necessitam – refiro-me à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais o bicho "homem" aprende afinal a se envergonhar de seus instintos. A caminho de tornar-se "anjo" (para não usar palavra mais dura) o homem desenvolveu em si esse estômago arruinado e essa língua saburrenta, que lhe tornaram repulsivas a inocência e a alegria do animal, e sem sabor a própria vida.[15]

O homem do Ideal ascético preza pela permanência, porém tudo o que deve permanecer não está no corpo está fora dele em uma ordem moral impossível de ser seguida por alguém saudável, que por definição adoece o corpo, martiriza-o, pois não atua a seu favor.

A alma aí é o caminho para a destruição da singularidade, tudo aquilo que é criação, que é singular, que não se remete para um "lá fora" é identificado como maléfico. A alma enquanto uma substância estranha ao corpo que o comanda e o mantém sempre igual a si mesmo nega qualquer coisa de singular. O expediente de criar algo para onde remeter o ideal é, segundo Nietzsche, feito por aqueles que não tem força para realizar sua criação no mundo imanente. A alma representa a interdição da criação, ela tem que ser sempre idêntica a ela mesma. Para o Ideal ascético qualquer coisa diferente daquilo que a moral do asceta disciplina é pecado, a singularidade é dada justamente por aquilo que os ascetas abominam: a criação.

---

[14] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza. p.129.
[15] Idem. p.56-57.

1.3 A má-consciência: a memória é remorso

A memória é um registro do passado. É isso que se pensa geralmente quando se fala dela, o que não é incorreto. No interior da narrativa nietzschiana sobre a memória ela aparece de dois modos diferentes: o modo potente que a digere para transformá-la em "matéria prima" para um futuro e o modo do dispéptico que não consegue assimilar o passado, que retorna sempre para atormentar. Esta seção do texto é dedicada a falar sobre a memória do dispéptico, caracterizá-la de modo a marcar melhor a oposição observada por Nietzsche:

> Se alguém não dá conta de sua "dor da alma", isto não vem, falando cruamente, de sua "alma"; mais provavelmente, de seu ventre (falando cruamente, como disse: o que de modo algum expressa o desejo de ser ouvido e compreendido cruamente...). Um homem forte e bem logrado digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados. Se não "dá conta" de uma vivência, esta espécie de indigestão é tão fisiológica quanto a outra.[16]

O dispéptico, o homem que realiza o Ideal ascético, não consegue dar conta do movimento e seguindo essa lógica a memória faz cessar o movimento e a mudança. Para o Ideal ascético a mudança é aquilo que há de pior no mundo. Como foi dito anteriormente, ele opera com a noção de que o mundo é feito da corrupção, da mentira e pecado. O grande catalisador para isso é o corpo e seus sentidos, por isso deve negar a sensualidade, os sentidos e a mudança, pois esses três elementos afirmam que há vida no corpo e que ele vive conforme o devir.

Mas como negar o movimento? Como dizer que ele não existe? É impossível dizer que não há devir, como dizer que uma criança não cresce ou que um homem não envelhece? Negar que as coisas mudam ao redor das pessoas? O asceta não faz isso. Ele retira o seu valor ao dizer que aquilo que vale não se consegue ver e nem tocar. Aquilo que existe dignamente é a verdade e ela não vive entre nós, pois está num outro mundo. Ao pôr as coisas dessa forma, viver passa a estar em conformidade com o outro mundo e não com esse. Assim a memória é o rastro que o corpo deixou enquanto cumpria sua pena sobre a terra. Viver é aprender a desacreditar o corpo mortal em favor de uma alma imortal e moralmente reta.

A memória foi criada para dar permanência ao homem, no entanto ela se tornou uma penitência, pois essa permanência desejada pelo asceta é eterna. É essa a crítica que Nietzsche faz em relação a todas as coisas no mundo, ele é esvaziado de sentido para que esse sentido seja lançado para fora, a memória tem sua força esvaziada, pois ao invés de aumentar o poder humano ela o debilita em favor de uma permanência eterna.

---

[16] Ibidem.p.119.

É interessante vislumbrar aqui a memória como uma afirmação da linearidade que domina a perspectiva judaico-cristã. Tudo o que ocorre é um passo a caminho da libertação da alma. Logo, o papel da memória é armazenar de um modo sucessivo. Seguindo esse sentido a memória é confundida com o remorso, as mordidas que a consciência ganha são sentidas pelo corpo que é devorado ao longo da vida, "(...) a vida foi interpretada como uma *meditatio mortis,* apenas como uma meditação demorada para que o homem pudesse conquistar uma bela morte, e assim conseguisse voltar ao seu pretenso lugar originário: ao além".[17] O corpo destruído pela permanência deseja conduzir o indivíduo para a sua negação. Cada ato do homem sobre a terra é um passo para o seu caminho em direção à libertação de seu corpo, a permanência o paralisa e o devora em vida. A tradição cristã, ao procurar um fundamento metafísico do mundo e desvalorizar o corpo, o "condena" por existir:

> Onde se poderia escapar a ele, àquele olhar velado que nos deixa uma profunda tristeza, àquele olhar voltado para trás do homem deformado na origem, que revela como tal homem fala consigo mesmo – àquele olhar que é um suspiro! "Quisera ser alguma outra pessoa", assim suspira esse olhar: "mas não há esperança. Eu sou o que sou: como me livraria de mim mesmo? E, no entanto – *estou farto de mim!* ".[18]

O homem é um culpado. Sua memória tem a função de guardar as provas necessárias para o seu julgamento, vista sob esse prisma ela é usada de maneira inexorável para paralisar o corpo. Uma memória permanente garante um indivíduo permanente e um mundo permanente por consequência. Nada muda nunca pois, tudo remete-se sempre aos mesmos signos. Uma imagem emblemática é a do condenado na colônia penal de Kafka:

> - Ele conhece a sentença?
> - Não – disse o oficial, e logo quis continuar com as suas explicações.
> Mas o explorador o interrompeu:
> - Ele não conhece a própria sentença?
> - Não – repetiu o oficial e estacou um instante, como se exigisse do explorador uma fundamentação mais detalhada da sua perguntada; depois disse:
> - Seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne.[19]

A paralisia do corpo patrocinada por uma memória infalível garante que o homem seja sempre igual a ele mesmo e isso faz com que o corpo se desmanche paralisado enquanto é roído pelo remorso. Essas mordidas da consciência que fazem com que ela permaneça sempre parada; A alma é verdadeira pois permanece, uma permanência que é a afirmação de uma identidade que não existe na terra, somente em um mundo paralelo:

---

[17] BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*.p.129.
[18] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza. p.112.
[19] KAFKA, Franz. *Um médico rural*. Tradução: Modesto Carone.p.38-39.

> Agora a verdade apenas pode habitar nas mais desbotadas e pálidas generalidades, nas caixas vazias as mais indeterminadas palavras, como num castelo de teias de aranha; e ao lado de uma tal "verdade" senta-se o filósofo, igualmente exangue como uma abstração, e luta enclausurado em fórmulas. A aranha quer o sangue de suas vítimas; mas o filósofo parmenidiano odeia justamente o sangue de sua vítima, o sangue da empiria por ele sacrificada.[20]

A observação feita acima pode ser vista na definição de cópia presente na filosofia de Platão, no livro X da obra A república. Ela é sempre semelhante à Ideia, ela é tão mais verdadeira na proporção em que guarda mais e mais semelhanças com o original. Logo, o projeto do dispéptico é afirmar a identidade. Ao fazê-lo, o asceta esvazia o corpo de valor e o enche com sofrimento, pois ao afirmar uma identidade imutável o homem desassocia-se de sua própria natureza com a intenção de buscá-la, por isso Nietzsche o chama de antinatural. Toda essa violência contra si mesmo não é vista como tal, pois o dispéptico pensa que ao libertar o homem do corpo o está salvando.

1.4 As lembranças são provas de correção

As lembranças são provas daquilo que se é, e a máxima de Apolo, apropriada por Sócrates, é um convite para que o homem cesse o movimento dentro de si: "Conhece-te a ti mesmo", ele diz, usar a própria vida para tornar cada vez mais claro aquilo que já se é, porém, ainda não tem consciência; esse ser é algo profundo, guardado a sete chaves por trás de uma couraça de enganos. A alma e o corpo juntos e caminhando em direções diferentes, é assim que a tradição metafísica desenha o mundo. Viver é a jornada onde se toma contato com o vício, com as tentações e com o pecado até a morte onde a alma irá para outro mundo. A lembrança tem um papel fundamental: realizar o diário desses momentos, guardando-os ao modo de um bibliotecário.

Ao manter-se em perfeito contato com seu "caminho" até a "perfeição", os "erros" devem ser lembrados para não se repetirem e os "acertos" para serem louvados. Enfim, o intuito da lembrança é o de enclausurar o homem nele mesmo, o movimento de lembrar no interior do Ideal ascético é o de auto identificação e de clareamento de si para si, uma afirmação de identidade. O homem seria por natureza idêntico a ele mesmo e tudo o que ocorre em sua vida só faz afirmar essa igualdade. Dessa forma se remete a uma essência que se afirma comparando-se com algo fora dele.

Esse comportamento avaro revela-se um modelo empobrecedor da vida. Tal acúmulo se dá por uma debilidade vital que força o homem a guardar para sentir-se seguro. Ao

[20] *OS PENSADORES, Pré-Socráticos*. Tradução: Diversos.p.133.

armazenar lembranças e valores que são imutáveis, na realidade deixa passar toda a riqueza que há na vida e não é quantificável.

Como o personagem Irineo Funes, de "Funes el Memorioso", que à medida em que guarda mais e mais lembranças torna-se mais e mais paralisado. No pequeno conto de Jorge Luís Borges o personagem título após um acidente que o condena a reclusão em seu quarto desenvolve uma capacidade de guardar lembranças de um modo tão exato que não sabe o que fazer com essa prodigiosa memória. A cada dia que passa sua reclusão física é acompanhada por sua prisão "mental":

> Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas na cama, na sombra, desenhava cada detalhe e cada silhueta das casas precisas que o rodeavam (repito que o menos importante de suas recordações era mais minucioso e mais vivo que nossa percepção de um prazer físico ou um sofrimento físico). Para o leste, em um trecho planificado, haviam casas novas, desconhecidas. Funes as imaginava negras, compactas, feitas de uma escuridão homogênea; nessa direção virava o rosto para dormir. Também usava imaginar-se no fundo do rio, embalado e anulado pela correnteza.[21]

Ser idêntico a si mesmo significa identificar-se a uma série de ideias que não se originam no mundo, mas que o "regem". Assim o projeto do Ideal ascético, um projeto identitário, tem o objetivo de destruir o tempo à medida em que tudo o que possui valor está fora dele e dentro só existe culpa por ceder ao devir. Viver é culpa, respirar é culpa, amar é culpa, não amar também, tudo aquilo que diz respeito a vida é posto no patamar de algo culpável pois a identidade humana revela-se nela. O homem é culpado por existir e para expiar a culpa deve viver e martirizar-se para alcançar a verdade e enquanto faz essa peregrinação não deve esquecer-se jamais do seu caminho, que é a confissão daquilo que fez, quis fazer, não fez e não quis. Existir é destruir a si mesmo.

1.5 Uma interdição ao movimento

Para o asceta a memória é o mesmo que o remorso. A cada vez que ela volta rói um pouco mais seu corpo em direção à morte o que é diferente de esculpir um corpo digno de viver, é o seu oposto: é aguardar a sua destruição no interior de um ritual. Não se trata simplesmente de morrer, trata-se de inserir-se em um ritual de morte em que todos os signos da vida são esvaziados ou acorrentados em uma âncora de culpa. É um caminho em direção a libertar-se do corpo e no trajeto daquilo que identifica os homens entre si. A moral cria sempre a mesma resposta para experiências diferentes. O mesmo que retorna não é a situação - que é singular- mas, a resposta a qualquer situação. Quando ela aparece no mesmo corpo ele

[21] BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Tradução própria.p.134.

faz apenas negar a mudança. Tudo está sempre em movimento, o que não muda são as reações do corpo que iguala tudo na culpa:

> A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – *e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!* Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum; o ideal ascético foi até o momento, de toda maneira, o *"faute de mieux"* [mal menor] *par excellence.* (...) A interpretação – não há dúvida - trouxe consigo novo sofrimento, mais profundo, mais íntimo, mais venenoso e nocivo à vida: colocou todo sofrimento sob a perspectiva da culpa.[22]

Assim ter memória é ter marcado todo o caminho em direção à morte, que é identificada com a verdade. Só a verdade liberta, ou seja, só a morte liberta. Por isso, os homens mais santos são os mais próximos dos mortos e exigem medidas que diminuem a vida.

> A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada, pregada, volta-se pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma *condenação*, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. Quando diz que "Deus vê nos corações", ela diz Não aos mais baixos e mais elevados desejos da vida.[23]

A morte em vida é reflexo do ascetismo, ele faz da memória uma espécie de testamento. Um longo documento em que se conta o que foi feito para merecer encontrar a felicidade eterna, trocando em miúdos: o quanto a vida foi negada e em que medida essa negação transforma-se em via para a verdade. Seja o monge que faz-se em múmia de tanto meditar ou o intelectual que esconde-se por trás dos livros, todos esses personagens negam com intensidade a vida. A memória conta em que medida o homem foi santo e, quanto mais memória há, menos se vive, pois ela sempre o assombrará.

Esse é o drama do asceta: como caminhar imaculado pela vida? Como negar que se está dentro do devir? Eis a questão que é posta, como fazer o tempo parar? Como fazer com que as coisas passem sem passar? A questão de como colocar-se fora do tempo é feita pelo Ideal ascético. Anteriormente no texto diz-se que o Ideal ascético paralisa o tempo unificando o valor de tudo ao transformar tudo em pecado. Deve-se aprofundar mais essa afirmação.

A identificação da vida com o pecado é uma das pedras de toque para compreender a articulação da memória com o ascetismo, pois é ela que proporciona que tudo seja visto da mesmíssima forma e paralisa o mundo, sendo mais exato, paralisa as possibilidades de interpretá-lo e senti-lo. Se tudo é pecado, tudo aquilo que se pode sentir é culpa, logo existir é culpa. Contudo essa homogeneização do mundo pode ocorrer com qualquer reducionismo: tudo pode ser arte, prazer, política, amor, a raça ariana ou a luta de classes, por exemplo. Esses reducionismos cerram a interpretação do mundo ao fechar sua chave de interpretação. Para Nietzsche, o homem se afirma experimentando possibilidades de existir sobre a terra:

---

[22] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza. p.149.
[23] NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza.p.36.

> Então esta unidade, cessando de estar segura sobre o estrito encadeamento de conceitos, não saberá nunca o que anima a multiplicação de "perspectivas"; logo, a abundância de aparentes contradições, desconcertantes para os leitores apressados e superficiais, revela a coerência subjacente da interrogação, pois traduz a pluralidade dos pontos de vista, mais ou menos antagônicos(...) A interpretação é então pluridimensional e em constante mutação.[24]

Cessar de interpretar é, na prática, parar o tempo, pois não importa o que ocorra, o corpo sempre responderá da mesma forma, uma vez que isso acaba com a espiral de interpretações e adota uma linha que leva diretamente à morte em vida. A memória aí é um depósito de culpas que calçam uma estrada para o fim, para a verdade, para o bem, para tudo o que é único, eterno e imutável. O asceta declara que somente de seu canto, de sua perspectiva é possível existir. Essa é a emergência de uma verdade onde o sofrimento se identifica com a verdade e vida com falsidade:

> 16. Fenômeno e coisa em si. – os filósofos costumam se colocar diante do fenômeno- como diante de uma pintura que foi desenrolada de uma vez por todas, e que mostra invariavelmente o mesmo evento: esse evento, acreditam eles, deve ser interpretado de modo correto, para que se tire uma conclusão sobre o ser que produziu a pintura: isto é, sobre a coisa em si, que sempre costuma ser vista como razão suficiente do mundo do fenômeno.[25]

Como o asceta não pode expiar a culpa no além, o que ele faz é esvaziar a vida fazendo com que ela nada signifique. Essa ascese feita pelo dispéptico é bem delineada no trecho que segue: "A expiação da culpa pelo sofrimento, interpretado como castigo, é a ascese para o Além metafísico redentor. Até agora o homem foi resultado dessa equação"[26].

Tal visão de mundo desenha aquilo que existe como sofrimento e está ligada aos valores que a civilização ocidental criou para guiar-se e construir seu caminho sobre a terra. Nietzsche chama os arquitetos desses valores de Mestres da Finalidade da Existência, pois fundam o existir em uma finalidade extrínseca, maior que a própria vida, como se viver não tivesse valor algum, fosse apenas um tormento que passará algum dia.

1.6 O "eu" e a modernidade

O Ideal ascético não é atado à religião, apesar de ser materializado pela fé cristã, como pode sugerir uma leitura apressada de Nietzsche, ele é o próprio ideal moderno e essa é a característica que o filósofo quer salientar. A modernidade é filha do Ideal ascético confirmando todos os seus pressupostos: a busca por uma verdade fundamental, a existência

[24] GRANIER, Jean. *Que sais-je? Nietzsche*. Tradução própria.p.19.
[25] NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução: Paulo César.p.25.
[26] GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa 2ª edição*.p.16.

de um indivíduo racional que se define por essa racionalidade e a consciência como ponto de partida fundamental para a especulação do mundo. O Ideal ascético está na origem do espírito científico moderno que imagina uma especulação neutra sobre o mundo ao redor, pondo o homem como sujeito em um mundo objetificado:

> O sistema de Hegel é em pleno século XIX a confirmação da descoberta de Nietzsche, pois tal sistema, partindo da asserção de que a razão é a realidade em sua essência mais íntima, reduz a antiga memória geral à Ciência da Lógica e assim, faz da razão o Absoluto em si e por si; com a vantagem sobre as outras variantes do racionalismo do racionalismo do Absoluto hegeliano, em virtude da dialética, integrada à sua eternidade a totalidade do futuro e funciona como uma maravilhosa máquina que transforma a aparência em essência, o contingente em necessário o acaso em destino.[27]

Essa relação causal entre pensar e existir fixa o homem a si mesmo na modernidade. Ao pensar a consciência como algo fixo, o homem moderno comete mais um erro, pois o maior de todos os erros da humanidade foi transformar a consciência em seu dispositivo principal. O homem possui consciência, mas ela não o define por completo. Ela é algo dentro do homem que está à salvo da corrupção do devir, algo que diz como um homem é de modo decisivo e inexorável que, por ser inacessível, assume o comando do corpo, como se não fosse parte dele, mas seu dirigente:

> De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um "puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor do tempo", guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como "razão pura", "espiritualidade absoluta", "conhecimento em si"; tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido.[28]

A crítica nietzschiana explicita justamente uma consciência que pensa um "Eu" permanente e independente do corpo, a memória tem o papel de armazenamento de maneira sucessiva, que o faz corrigir-se enquanto vive, torna-lo a cada passo mais idêntico com os valores do Ideal ascético. Quando se pensa em memória, ela aparece como algo impessoal, como se houvesse sido um outro ser que a tivesse vivido, ela não faz parte da vida, mas parte de um passado distante. Relembrar é como retirar um livro da estante, uma vez retirado o tem por inteiro novamente nas mãos. Essa imagem da memória confunde-se obviamente com a imagem do tempo que a modernidade tem, um tempo em linha reta que só faz atualizar-se tendo como fim o progresso infinito.

O passado aparece como causa do presente como se dele não fizesse parte. É dessa forma que o ressentimento articula-se com o a consciência, no fato de o homem ser um bloco

---

[27] GRANIER, Jean. *Que sais-je? Nietzsche*. Tradução própria.p.46.
[28] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza. p.109.

estático. E a memória por estar preservada em algum lugar do passado retorna a todo momento para morder a consciência, pois não foi digerida. Só existe remorso nos homens estáticos, naqueles que se veem idênticos sempre:

> Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua vontade de crer-se castigado possa jamais equivaler à culpa, sua vontade de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa, para de uma vez por todas cortar para si a saída desse labirinto de "ideias fixas", sua vontade de erigir um ideal – do "Santo Deus" – e em vista desse ter a certeza tangível de sua total indignidade.[29]

É assim que a memória torna-se moral e põe-se a favor do gregarismo, da vontade de manter a espécie viva. Esse espírito de conservação hipertrofiado presente na moral ascética possui todos esses entes articulados: a Memória sucessiva, a flecha do tempo, o indivíduo em bloco e o remorso corrigindo o curso do homem. O Ideal ascético não é nada mais que um espírito de conservação superpotente que iguala a todos os homens:

> E não é este o nosso destino? O que constitui hoje nossa aversão ao "homem"? – pois nós sofremos do homem, não há dúvida. – Não o temor; mas sim que não tenhamos mais o que temer no homem; que o verme "homem" ocupe o primeiro plano e se multiplique; que o "homem manso", o incuravelmente medíocre e insosso, já tenha aprendido a se perceber como apogeu e meta – que tenha mesmo um certo direito a assim sentir, na medida em que se perceba à distância do sem-número de malogrados, doentios, exaustos, consumidos, de que hoje a Europa começa a feder, portanto como algo ao menos relativamente logrado, ao menos capaz de vida, ao menos afirmador da vida...[30]

A memória para a preservação da espécie precisa preservar o rebanho, então mais importante do que as lembranças é o seu valor. Ele vai garantir o aprisionamento do homem ao destino da espécie, é esse destino que espera ao homem gregário: eliminar a possibilidade de singularidade do homem, transformá-lo em parte de um rebanho.

1.7 O niilismo passivo

A crença na ciência e em valores que tem fundamentos para além do mundo, característica da modernidade, leva o homem em última instância a um sem sentido, pois é justamente a crença na verdade que desnuda o niilismo:

> Acossada pela compulsão a reproduzir ao infinito a mesma pergunta "por que? ", "a ciência precipita-se irresistivelmente até seus limites, nos quais fracassa o otimismo oculto na essência da lógica. Pois a periferia do círculo da ciência tem pontos infinitamente múltiplos, e enquanto não se deixa ainda, em absoluto, ver como algum dia o círculo poderia ser inteiramente mensurado, o homem nobre e talentoso, ainda antes da metade de sua existência, é colocado inevitavelmente diante daqueles pontos fronteiriços da periferia, onde detém-se estarrecido em face do inexplicável".

[29] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica.* Tradução: Paulo César Souza.p.81.
[30] Idem.34.

> Deparar-se com essa barreira incontornável constitui para ele a experiência assustadora de que, "nessas fronteiras, a lógica gira sobre si mesma e finalmente morde a própria cauda": nesse ponto, a racionalidade faz a experiência de que o último fundamento é necessariamente um abismo sem fundo. [31]

É a crença na verdade como valor supremo que leva o homem até seu último estágio: o niilismo. A descoberta de que não há um sentido oculto por trás da natureza, da vida e da moral; a partir de então, abrem-se dois caminhos: o niilismo passivo e o niilismo ativo.

> Mas entre as forças que a moral acresceu estava a veracidade: esta volta-se finalmente contra a moral, descobre sua teleologia, seu modo de considerar interessado – e agora o entendimento [*Einsicht*] atua [*wirkt*] nessa mentira encarnada há muito, da qual se desespera de livrar-se, como estimulante. Constatamos agora necessidades em nós, implantadas pela interpretação-moral desde há muito, que nos aparecem como necessidades do não-verdadeiro: por outro lado, aquelas necessidades nas quais o valor parece estar [*zu hängen scheint]* nos fazem suportar viver. Esse antagonismo – não valorizar [*schätzen*] o que conhecemos, e não mais poder valorizar o que gostaríamos de nos impingir como mentira [*was wir uns vorlügen möchten*]: - resulta em um processo de dissolução.[32]

Nesse momento, será tratado o niilismo passivo pois é ele que completa uma espécie de complô da reatividade formado pelo princípio de identidade, pela moral, pelo princípio de causalidade e agora pelo niilismo passivo que submetem a memória à dinâmica desses conceitos. Esse conjunto é o que garante um plano de civilização idêntico a si mesmo. Civilização que possui o compromisso com preservar. O niilismo passivo, que Nietzsche identificará com um desejo moribundo, está contido nesse modelo civilizatório mórbido por natureza, que ao perceber que não há um sentido no mundo encaminha-se para a morte em um rito de consolação pela crueldade da vida. Daí o niilismo passivo ao perceber esse sem sentido apenas a consolar-se da mesma. O pastor torna-se vital, pois é aquele que dá o caminho e conduz o rebanho.

O homem é um ser que necessita de razões para viver. O niilismo passivo recebe esse nome, pois o homem do rebanho não tem capacidade para criar, é pura reatividade: sentindo-se traído por um mundo sem sentido, ele reage negando sua legitimidade. Passa a aspirar o nada e inspirar-se num Deus (morto), em uma moral (morta) e em ideais que não fazem sentido. Essa morbidez é a marca do niilista que é incapaz de aceitar um mundo sem sentido, daí Nietzsche dizer que o homem precisa aspirar a algo, mesmo que esse algo seja o nada: "o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer*".[33]

Ao vaticinar que a história da humanidade para os próximos dois séculos é a própria história do niilismo, Nietzsche aponta a inescapável questão de não haver justificativas para a

---

[31] GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa* 2ª edição. p.226.
[32] NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder.* Tradução: Marco Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. p.29-30.
[33] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.p.149.

vida ser como é. O que se sofre não é uma punição e nem um prêmio, o que se vive não é nada além do que se vive. E todas as explicações que existem para contar o sentido daquilo que há no mundo não passam de crenças, a própria ciência não diz nada de fundamental sobre a realidade, apenas traduz suas próprias verificações. A crença na verdade é importante até o momento em que se conclui que ela leva ao nada.

Essa passividade é fruto da insuportável crise que o niilismo cria no homem do rebanho, para ele é impossível ser outra coisa que não passivo, suas forças não existem de outra maneira. O niilismo passivo é o germe do fundamentalismo que existe na sociedade contemporânea. Ele é pura reatividade à vida, sua lógica é a de dizer que não há vida possível fora do quadro de valores que professa. Ao aspirar ao nada, esse homem aspira alguma esperança de escapar desse jogo mórbido em que ele transformou a vida, porque o niilismo justamente desmascara a busca pela verdade, mas não termina com a busca. Como Nietzsche bem observa:

> Novas lutas. Depois que Buda morreu, mostraram ainda durante séculos a sombra dele numa caverna, uma sombra enorme e medonha. Deus está morto! Mas, sendo os homens como são, haverá ainda talvez, durante séculos, cavernas onde se mostre a sua sombra. E nós, nós temos ainda também de vencer a sombra dele.[34]

Nenhum moralista deseja a verdade, ele quer a sua interpretação daquilo que seja verdadeiro, por isso pouco importa se Deus morreu ou não, para o moralista o essencial é que ele continue podendo ditar as regras morais sobre o mundo.

Um mundo sem verdades é um mundo instável. Daí o esvaziamento da vida em nome de um ideal, o pessimismo em relação à vida tornou-se uma prévia do niilismo e parte dele onde a ausência de valor na vida é evidenciada:

> A lógica do pessimismo até o último niilismo: o que pulsa[*treibt*] aí? – conceito da ausência de valor, da falta de sentido: em que medida valorações morais estão por trás de todos os outros altos valores.
> - Resultado: os juízos de valor morais são condenações, negações; moral é o dar as costas à existência por parte da vontade...[35]

A morte de Deus, o ponto chave para a leitura do niilismo, significa de fato uma troca; quando Deus "morre" o que se vai é o sentido único, é a verdade única, morre uma ordem prévia e necessária do mundo. Deus é trocado pelo Caos, pelo informe, pelo imoralismo; o homem de rebanho não consegue lidar com essa "novidade" é então que os valores que nada mais significam são reafirmados. O fundamentalista luta contra o niilismo negando-o, porém, ao negá-lo o afirma, pois, suas posições não mudam o fato delas não possuírem um sentido

[34] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.p.123.
[35] NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder.* Tradução: Marco Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. A vontade de poder. p.31.

fundamental. Negar o niilismo não faz com que ele desapareça do mesmo modo que afirmá-lo tampouco o anula. O niilista passivo somente nega, porque afirma-lo significa o seu desaparecimento. É assim que o niilismo completa a trama que envolve o homem gregário por uma sobrevivência com um sentido vazio encapsulado em seus valores mórbidos.

2 A MEMÓRIA ATIVA

No primeiro capítulo foram postas em linhas gerais as principais críticas que Nietzsche fez à civilização moderna e sua prioridade em preservar a vida a qualquer custo. A memória é um instrumento importante nesse mecanismo de conservação, aliado ao projeto do Ideal ascético essa preservação da vida torna-se doentia quando seu principal objetivo, uma preservação como fim último, descobre-se na base da modernidade. Esse segundo capítulo tem o objetivo de responder aos questionamentos que o filósofo faz em relação ao Ideal ascético e que respostas são possíveis.

Anteriormente foi desenhado um quadro conceitual com o intuito de mostrar o Ideal ascético e como ele se articula, tendo como elemento central a memória. É a partir dessa constelação posta inicialmente que esse capítulo continua o caminho da memória na filosofia de Nietzsche. Ele, assim como tudo o que diz respeito à Nietzsche, percorre de um extremo a outro de seu quadro conceitual. Pierre Klossowski chama essa trama conceitual de complô: "Complô que se trama contra o surdo conluio entre a moral institucional e a teoria darwiniana ("a seleção precisamente não se produz em prol das exceções", mas unicamente dos medíocres). "[36]

Nesse segundo capítulo será apresentada uma outra articulação para uma outra caracterização possível de memória, que ao invés de ser instrumento de reatividade e afirmação da identidade ela aparecerá como um conceito afirmador da singularidade. É daí que será possível retirar outras consequências do conceito memória que não as já postas. É dentro desse contexto que será conduzido o presente capítulo, encontrando o lugar da memória no interior do complô visto por Klossowski.

2.1 Memória e vontade

Comumente a memória é associada à ideia de armazenamento, separando-a da vida, lançando o acontecido em um limbo que é o passado, essa articulação foi explicitada no capítulo anterior. A memória apresentada pelo filósofo é uma memória da vontade, que em nada se refere ao seu conceito usual, pois a define como uma força viva e ativa, ato contínuo surgem duas questões importantes para esse momento: Que seria essa tal memória da vontade? E em que ela seria importante para afirmar o homem?

[36] Colóquio de Cerisy. *Nietzsche Hoje?* Tradução de Scarlet Marton.p.12.

A memória da vontade é forjada para o futuro capaz não de guardar "dados", mas de abrir possibilidades. Por isso não tem como característica guardar uma grande quantidade de informações, e sim organizar as forças que compõem aquilo que faz do homem, humano e, por essa razão, não pode em momento algum ser pensada a partir de uma passividade ideal protegida fora do mundo em algum lugar como o passado. Ela está todo o tempo ativa se afirmando continuamente:

> Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecer é uma força, uma forma de saúde forte, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se, um prosseguir-querendo o já querido, uma verdadeira *memória da vontade:* de modo que entre o primitivo "quero", "farei", e a verdadeira descarga da vontade, seu ato, todo um mundo de novas e estranhas coisas, circunstâncias, mesmos atos de vontade, pode ser resolutamente interposto, sem que assim se rompa essa longa cadeia do querer.[37]

A partir dessa memória da vontade é possível falar sobre um homem que cria, organiza e toma o mundo para si. Se no capítulo anterior falou-se de um homem dispéptico, aqui a atenção, nesse início, será de um outro tipo humano: o homem rapace. Aquele que dá forma aos valores com mão de ferro. O homem rapace faz uso da violência para impor ao mundo aquilo que deseja:

> Nietzsche formula suas ficções heurísticas sobre a pré-história da hominização vinculando memória e o esquecimento, como faculdades determinantes do vir-a-ser humano. De acordo com ele, o hominídeo torna-se humano pela criação de uma memória da vontade, escandindo as dimensões do passado, presente e futuro, e tornando possível tanto a previsão quanto a rememoração. A invenção da memória provê as condições de possibilidade de uma faculdade de simbolização, que arranca o bicho-homem de sua condição animal, ligada apena aos efeitos atuais (presentes) da percepção sensível. O humano é o único animal capaz de prometer, faculdade que pressupõe uma memória da vontade – esta, por sua vez, torna possível *dispor de si próprio, responder por si mesmo no futuro.* [38]

É necessário no início fazer uso da violência no corpo para impor sobre ele os valores necessários para que o homem seja aquilo que é. Apenas o homem rapace, a besta loura, é capaz de usar originalmente tal violência para criar esse dispositivo necessário à humanização, a memória é determinada no corpo:

> E por um tempo ainda mais longo nada se podia ver desse fruto – ninguém podia prometê-lo, embora tudo na árvore estivesse preparado e crescesse justamente em vista dele! – "Como fazer no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento? "... Esse antiquíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica.

[37] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.p.48.
[38] GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa* 2ª edição.p.28.

> ”Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra.[39]

Por ser um animal pulsional o homem é determinado mais pela cultura que pela natureza, pois diferente dos outros animais a conduta humana é moldável, ou seja, em termos nietzschiano, ela ocorre a partir da ocorrência da memória da vontade gravada por atos que se caracterizam por sua violência. Ela está na raiz da humanidade, pois molda o corpo humano para agir em conformidade com seus objetivos. O homem é violento por natureza, pois ela própria também o é. Tal ideia vai frontalmente contra Rousseau quando diz que o homem é bom por natureza:

> Mas está claro que esse pretenso direito de matar os vencidos não resulta de forma alguma do estado de guerra. Pelo simples fato de que os homens que vivem em sua independência primitiva não têm entre si uma relação suficientemente constante para constituir nem o estado de paz nem o estado de guerra, eles não são naturalmente inimigos.[40]

É a violência, contida no próprio homem, que funda a civilização no momento em que ele passa a impor regras para a sua ação e passa a exigir previsibilidade. Impor é fazer o corpo sentir dor a cada transgressão que comete; esse reforço cria a memória, para o homem ser capaz dela cria estratégias para não mais se livrar da dor física que ela causa. A argumentação de Nietzsche acerca do modo de operar da memória explicita a dor causada por ela como uma dor que não é moral, mas física, logo todas as suas consequências são no corpo:

> O empalamento, o dilaceramento ou pisoteamento por cavalos (o “esquartejamento”), a fervura do criminoso em óleo ou vinho (ainda nos séculos XIV e XV), o popular esfolamento (“corte de tiras”), a excisão da carne do peito; e também a prática de cobrir o malfeitor de mel e deixá-lo as moscas, sob o sol ardente. Com ajuda de tais imagens e procedimentos, termina-se por reter na memória cinco ou seis “não quero”, com relação aos quais se fez uma promessa, a fim de viver os benefícios da sociedade – e realmente! Com a ajuda dessa espécie de memória chegou-se “à razão”![41]

Pode-se rememorar a prática recorrente na filosofia nietzschiana de navegar em meio a dualismos: Apolo-Dioniso, Civilização-Barbárie, Deus-Caos, esses dualismos são exemplos da tensão criada por Nietzsche para desenvolver sua filosofia, que não é uma tensão dialética que visa uma síntese e por si só um fim para essas forças contrárias, uma paz; ao contrário, o conflito é a força desse dualismo, logo a violência aparece já aí, nessa tensão entre a civilização representada por Apolo e a natureza de Dioniso aliados na tragicidade da vida:

---

[39] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução: Paulo César Souza.p.50.
[40] ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*. Tradução: Carlos Alberto Bárbaro.p.7.
[41] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César Souza. p.52.

> Quase tudo a que chamamos "cultura superior" é baseado na espiritualização e no aprofundamento da crueldade – eis minha tese; esse "animal selvagem" não foi abatido absolutamente, ele vive e prospera, ele apenas – se divinizou. O que constitui a dolorosa volúpia da tragédia é a crueldade; o que produz efeito agradável na chamada compaixão trágica, e realmente em tudo sublime, até nos tremores supremos e mais que delicados da metafísica, obtém sua doçura tão-só do ingrediente crueldade nele misturado. O que o romano, na arena, o cristão, nos êxtases da cruz o espanhol, ante as fogueiras e as touradas, o japonês de hoje, quando corre as tragédias, o operário do subúrbio parisiense, com saudade de revoluções sangrentas, a wagneriana que, de vontade suspensa, "deixa-se" tomar por Tristão e Isolda – que todos eles apreciam, e procuram beber com um misterioso ardor, é a poção bem temperada da grande Circe "crueldade".[42]

A memória da vontade, o que dá um sentido para o ser humano, é criada com violência para que ela seja revivida a cada dor que o corpo sentir. Logo, ela está na origem da civilização e na essência do homem como ser histórico, é ela que fará a transição entre o bicho-homem e o homem, transformando-o de animal selvagem em animal gregário. O homem rapace, a besta-loura é um momento de transição entre o bicho-homem e o humano.

Ele não é mais esse animal, mas precisou sê-lo para incutir a permanência. Após o momento em que a memória é criada o homem oscila entre o gregarismo e a singularidade, pois ao mesmo tempo em que existe como ser social ele não se resume a isso. Segundo Nietzsche, ao mesmo tempo em que o homem gregário é necessário à vida, caso na sociedade somente exista esse tipo, ela mesma morrerá. Assim deve-se produzir o ser singular, único em tudo para dar novos rumos à humanidade.

2.2 Criação

A memória da vontade abre para o homem a possibilidade da criação, sem ela o homem não entra no tempo e não ganha a noção de sucessão dos fatos, o que faria com que lhe acontecesse aquilo que ocorre aos animais de rebanho: cada dia aparecer como sendo o mesmo. Nada da vida permaneceria. A partir do momento em que é instituída a memória, o homem torna-se capaz de diferenciar-se do mundo e estabelecer paralelos entre as coisas presentes, assim criando um modo de se relacionar com ele. Para marcar todas as interdições necessárias para que a memória ganhe alguma permanência a violência fez-se necessária, como dito anteriormente, é ela que marca as interdições para que o bicho homem venha a ser humano:

[42] Idem.p.135-136.

> Todavia, o homem também se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que passou: por mais longe e rápido que ele corra, a corrente corre junto. É um milagre: o instante em um átimo está aí, em um átimo já passou, antes um nada, depois um nada, retorna, entretanto, ainda como um fantasma e perturba a tranquilidade de um instante posterior. Incessantemente uma folha se destaca da roldana do tempo, cai e é carregada pelo vento – e, de repente, é trazida de volta para o colo do homem. Então o homem diz: "eu me lembro", e inveja o animal que imediatamente esquece e vê todo instante realmente morrer imerso em névoa e noite e extinguir-se para sempre.[43]

O homem se torna criador ao impor-se interdições que são dolorosas, ele valora o mundo de acordo com a vontade, não de acordo com uma inteligência superior ou um bem supremo. É esse o caminho que Nietzsche propõe quando se diz um imoralista, pois a base dos valores não é moral ela é resultante do jogo de forças, porque não há justiça ou harmonia inseridas no mundo.

A memória da vontade é a marcação dos caminhos possíveis para onde essa força, a vontade de potência, pode seguir. Ela não é sucessiva, no sentido de não pôr os fatos na ordem em que aparecem, como a civilização acostumou as pessoas a pensar, não guarda o passado como se fosse uma arca do tesouro livre do mundo, assim como aquela que foi definida no capítulo anterior. Essa caracterização da memória é simultânea porque apesar de organizar-se no tempo cronológico, não segue esse tempo e sim as suas próprias marcações, que doem simultaneamente sem obedecer uma ordem em si mesma.

Em nenhum momento Nietzsche fala de um nexo causal criado por essa memória, em que o passado seria a causa do presente, mas de marcas feitas no corpo indicando um caminho, um fluxo simultâneo da memória com a qual deve-se lidar na vida a partir de então. Ela não é uma guardiã do passado, ela guarda as condições de possibilidade de ação no futuro. O homem é um ponto de inflexão de todas as marcações feitas no corpo.

Ao mesmo tempo em que a memória da vontade insere o homem na percepção do tempo, pois no momento em que a vontade ganha um sentido passa a realizar um "projeto" que se desenrola cronologicamente, ela é extemporânea, porque inicia a temporalidade humana. A memória da vontade atua numa criação de possibilidades ao garantir outras continuidades possíveis:

> Eles dizem: "Aqui está o que deve ser! ". São eles que determinam o sentido e o porquê da evolução humana, e dispõem para isso de trabalho preparatório de todos os operários da filosofia, de todos os que liquidaram o passado; estendem mãos criadoras para o futuro, e para esta tarefa tudo o que existiu serve-lhes de meios, de utensílio, de martelo.[44]

---

[43] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da necessidade da história para a vida.* Tradução de Marco Antônio Casanova.p.4.
[44] DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos.p.50.

A memória da vontade trata o que foi vivido como material para a criação do futuro. O senso comum a entende de modo cronológico, como se cada evento fosse organizado em uma biblioteca por ordem de chegada, do mais antigo ao mais recente, pois nossa vida caminha para um fim inexorável e é em relação a ele que se alinha. A memória se organiza imbricadamente de duas formas diversas, uma como linha outra como simultaneidade, como plano, a primeira é dura a segunda maleável:

> Para Nietzsche, o fato de necessitarmos de um mundo estável, conhecido, seguro, isto é, utilitário, nos levou a inventar todas essas ficções, pois elas são úteis ao homem servindo para garantir uma ordem necessária à conservação da espécie. [45]

A memória volta a cada momento como dor que não cessa, ela volta inteira e simultaneamente pois é essa dor que garante ao homem a afirmação de si próprio e de seu tempo. Não é gratuitamente que Nietzsche irá buscar na antiguidade respostas para as questões de seu tempo, pois o passado está a todo momento se fazendo presente:

> (...) o pensador intempestivo não abandona uma convicção basilar: as questões fundamentais vêm de outro lugar, de outro tempo. O filósofo inatual, longe de ser caduco, obsoleto, alheio ao que "está acontecendo", percebe questões mais profundas, oriundas dos primórdios da história. Será mister dirigir o olhar para os começos dessa cultura, enxergar as forças, os impulsos que agem desde o início do pensamento ocidental. É preciso auscultar, conforme Nietzsche, naquilo que foi pensado pelos povos de um momento auroral para compreender a filosofia dessa, a sua época – entendimento que podemos estender ainda a nossa época, a este conturbado terceiro milênio – de ocaso e declínio.[46]

Nietzsche admirava os gênios por serem capazes de criar, essa qualidade é admirada tanto em Goethe quanto em Napoleão, personagens tão díspares quanto capazes de impor uma direção para a vontade. Um outro aspecto desses homens criadores é o fato deles serem capazes de "começar" o tempo novamente, cada novo caminho é um mundo novo que se abre para a humanidade:

> - Para novos filósofos, não há escolha; para espíritos fortes e originais o bastante para estimular valorizações opostas e tresvalorar e transtornar "valores eternos", para precursores e arautos, para homens do futuro que atem no presente o nó, a coação que impõe caminhos novos à vontade de milênios.[47]

É importante observar que os criadores não querem discípulos como ovelhas a serem pastoreadas. O homem rapace descrito no início do capítulo não queria submeter o outro antes de submeter o próprio corpo; assim como o homem de gênio não quer um séquito ele quer companheiros, se possível:

---

[45] CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche, Espírito Artístico*.p.65-66.
[46] BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. p.42-43.
[47] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Paulo César Souza p.103.

> ‘Uma luz raiou em mim: de companheiros, eu preciso, e vivos – não de companheiros mortos e cadáveres, que levo comigo onde quero”.
> Preciso, sim, de companheiros vivos, que me sigam porque querem seguir-se a si mesmos – e para onde eu queira.
> Uma luz raiou em mim: não à multidão fale Zaratustra, mas a companheiros! Não deve Zaratustra tornar-se pastor e cão de um rebanho![48]

Assim como Zaratustra, que em um dado momento manda seus seguidores embora porque não possui o intuito de tê-los, o educador descrito por Nietzsche em sua *Terceira consideração intempestiva*, o homem de gênio, educa pelo exemplo. Schopenhauer não seria para Nietzsche um “professor”, mas um educador, que mostra como lidar com a vontade de potência, como afirmar sua própria singularidade, não o empurrando para realizar uma caricatura dele próprio como filósofo, mas incentivando-o a conquistar a si mesmo:

> Mas isso não passa de uma aparência, pois, o que ele combate em sua época é o que o impede de se tornar grande, isto é, de se tornar livre e plenamente ele mesmo. Segue-se disso que sua hostilidade é dirigida na realidade não contra o que ele é, mas contra o que se agrega a ele, contra a mescla impura e confusa de elementos incompatíveis e para sempre irreconciliáveis, contra os elementos da realidade contemporânea que tentam se solidificar em sua personalidade estranha ao tempo. Finalmente, ele revela que o pretenso filho de seu tempo não passa de um bastardo sofredor.[49]

O Gênio não tem um lugar por direito no mundo, seu lugar é onde ele consegue expandir-se, mostrar-se como é, é tão insondável para si como o mundo inteiro e assim precisa se isolar para conhecer-se uma vez mais. Isso fica claro na formulação do Zaratustra de Nietzsche, que regularmente retorna para sua caverna, quando a necessidade o chama retira-se de tudo para encontrar-se e fundar um modo próprio:

> Que me aconteceu, meus amigos? Vedes-me perturbado, arrastado daqui obediente a contragosto, disposto a ir – ai de mim, a ir embora de *vós*!
> Sim, mais uma vez deve Zaratustra voltar à sua solidão; mas com pesar, agora, regressa o urso ao covil!
> Que me aconteceu? Quem ordenou? – Ah, a minha irada senhora, assim quer e falou comigo; já vos disse seu nome?
> Ontem, à noite, falou comigo a minha *hora mais silenciosa*: é este o nome da temível senhora.[50]

O homem comum se contenta em seguir sem pestanejar as pegadas feitas por outro. O gênio não, ele cria seus próprios passos, pois são todos inéditos e não há como não o ser, já que o filósofo não cria somente interpretações, ele cria também os instrumentos para que essas interpretações sejam possíveis:

---

[48] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva.p.47.
[49] NIETZSCHE, Friedrich. *Terceira Consideração Intempestiva:* Schopenhauer educador. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. p.43-44.
[50] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva.p.178.

> Queres, porém, seguir o caminho da tua angústia, que é caminho no rumo de ti mesmo? Mostra-me, pois, que tens direito e força para tanto!
> És uma nova força, um novo direito? Um movimento inicial? Uma roda que gira por si mesma? Podes, também, obrigar estrelas a girarem a seu redor? (...)
> Podes dar a ti mesmo o teu mal e o teu bem e suspender a tua vontade por cima de ti como uma lei? Podes ser o teu próprio juiz e vingador da tua lei?
> Terrível é estar a sós com o juiz e vingador da própria lei. Assim uma estrela é arremessada no espaço vazio e no gélido respiro da solidão.[51]

Esse poder de criação é atribuído por Nietzsche à vontade de potência que está em tudo o que existe e faz com que ele trace caminhos para si mesmo como as margens de um rio dizem para onde a água corre. Criar é fazer os meios para que o rio chegue até o mar, os meios para que o gênio chegue até o mundo. Por isso que eles são necessários para que a vida siga seu curso.

Pensar como Nietzsche é negar o dualismo que esvazia o mundo físico de sentido; ao negá-lo, negar a divisão da natureza humana em duas substâncias uma física e outra metafísica; e observar a hierarquização dessas duas substâncias que perfariam a natureza humana: a natureza física, que seria dona dos instintos "animais" e por isso pronta para errar sem rumo pelo mundo e a outra dona da razão que comanda o corpo e desvenda os mistérios do universo e da própria natureza humana "cega" para si mesma, pois o corpo não fala sobre si, mas a razão fala sobre tudo. Ao se colocar contra esses pressupostos ele nega uma perspectiva dualista de mundo e afirma uma perspectiva imanente da vida, como Nietzsche declara em um de seus escritos: "O corpo é uma grande razão"[52].

> Nossos pensamentos e nossas apreciações de valor são expressões dos impulsos. Para Nietzsche, o homem se insere na vida pelo seu corpo. O corpo é o centro da interpretação e organização do mundo. O corpo é pensador. A crítica nietzschiana da metafísica implica em reabilitação do corpo. Eis o essencial: tomar o corpo como ponto de partida é fazer dele o fio condutor. O corpo é um fenômeno muito mais rico e autoriza observações mais claras. A crença no corpo é bem mais estabelecida do que a crença no espírito.
> Para que uma interpretação seja possível, é preciso que cada um dos impulsos tome uma posição. Os impulsos têm uma opinião, dizem alguma coisa. [53]

Ao dizer que o corpo é a Grande razão, Nietzsche dá um recado dúbio: todas as verdades são conhecidas pelo corpo, ao mesmo tempo que todas as verdades são desconhecidas por ele. Os homens sentem o mundo muito antes de poder dizê-lo, pois estão imersos nele. Contudo, esse sentido do mundo acontece de diversas maneiras diferentes, o corpo é um prisma que faz essa mediação entre o mundo sem razão e ordem e uma miríade de possibilidades de interpretá-lo. Quando Nietzsche declara que se conhece com o corpo destitui

---

[51] Idem.p.89.
[52] Ibidem.p.60.
[53] DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*.p.50.

a consciência da primazia sobre o saber. O corpo sabe, porém, esse conhecimento não é consciente:

> Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E por que o teu corpo, então, precisaria logo da tua melhor sabedoria?
> O teu próprio ri-se do teu eu e de seus altivos pulos. "Que são, para mim, esses pulos e vôos do pensamento? ", diz de si para si. "Um simples rodeio para chegar aos meus fins. Eu sou as andadeiras do eu e o insuflador dos seus conceitos. "
> O ser próprio diz ao eu: "Agora, sente dor! " E, então, o eu sofre e reflete em como poderá não sofrer mais – e para isto, justamente, deve pensar.[54]

O projeto nietzschiano só é possível a partir do momento em que o homem se dá conta de que vê uma perspectiva possível de mundo, dessa forma o ser humano não é um ser unívoco, existir é existir em múltiplas perspectivas possíveis de modo simultâneo:

> Cada filosofia é uma filosofia de fachada [...] cada filosofia esconde também uma filosofia; cada opinião é também um esconderijo, cada palavra é também uma máscara. " Estas têm uma função metodológica que é a de emprestar vários sentidos à mesma coisa tornando o unívoco, equívoco, como a linguagem poética. Daí sua preferência pela utilização do *aforismo* e do *poema*. A interpretação procura fixar o sentido de um fenômeno sempre parcial e fragmentário; a avaliação tenta determinar o valor hierárquico desses sentidos, totalizando os fragmentos sem, no entanto, atenuar ou suprimir a pluralidade: *"É preciso desenvolver mais ainda o que é típico e cavar sempre mais profundos abismos. "* Desse modo, Nietzsche estabelece uma tipologia de valores que se encaixam um nos outros, aproximando-os ou distanciando-os, como ele mesmo apregoa, "cavando abismos".[55]

Transvalorar os valores, não significa somente abandonar valores determinados para obter outros valores, significa aceitar o caráter transitório e criativo de tais valores que são de fato marcações para orientar o homem em sua passagem pelo mundo.

2.3 Crítica ao tratamento moderno dado à História

Nietzsche critica o tratamento que os homens modernos dão à História. Ela é vista como se fosse uma linha contínua onde a modernidade é naturalmente seu ápice, pois se organiza de uma maneira consequente afirmando um processo eterno de desenvolvimento histórico onde forçosamente o posterior seria superior, segundo a filosofia de Hegel:

> Acredito que não houve nenhuma oscilação perigosa ou mudança da cultura alemã neste século que, por meio da monstruosa, e até o presente instante ininterrupta, influência desta filosofia, a filosofia hegeliana, não tenha se tornado bem mais perigosa. (...) Uma tal forma de consideração acostumou os alemães a falar em "processo de mundo" e a justificar a sua própria época como resultado necessário deste processo; uma tal forma de consideração colocou a história – na medida em que ela é, "o conceito que realiza a si mesmo", "a dialética do espírito dos povos", "e o tribunal do mundo" – no lugar dos outros poderes espirituais, a arte e a religião, como a única força soberana. [56]

---

[54] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Mário da Silva.p.60.
[55] CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche Espírito Artístico*.p.69.
[56] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova.p.126-127.

A modernidade então poderia servir-se de cada experiência feita durante toda a história universal, afinal ela é seu resultado, logo tudo está contido em potência dentro do homem moderno: a bravura espartana, a razão ateniense e a fúria bárbara que derrubou um império. Tudo o que o homem civilizado deveria fazer é escolher e acolher as características que melhor lhe caem e a melhor das civilizações estaria pronta:

> Aquele que não ousa mais confiar em si mesmo, mas involuntariamente, para sentir, pede um conselho à história: "Como devo sentir aqui? ", torna-se paulatinamente, por pusilanimidade, um ator, e desempenha um papel, na maioria das vezes até mesmo muitos papéis e, por isto, cada um deles de maneira muito ruim e superficial. Aos poucos passa a faltar toda a congruência entre o homem e o seu âmbito histórico; vemos pequenos rapazolas petulantes passeando por aí com os romanos como se estes fossem seus iguais: e nos restos mortais dos poetas gregos eles revolvem e escavam, como se também estes *corpora* estivessem aí prontos para a sua dissecação e não passassem de *vilia*, como podem ser seus próprios corpora literários. (...), mas, como dissemos, trata-se de uma geração de eunucos; para o eunuco, uma mulher é como qualquer outra, justamente apenas mulher, a mulher em si, o eternamente inatingível-e, com isto, é indiferente o que vos impulsiona, contanto que a própria história permaneça bela e "objetivamente" conservada, especialmente por aqueles que nunca podem fazer história por si mesmos.[57]

Essa ideia parte do princípio de que todos os homens em qualquer época são de modo geral idênticos e o que mudaria entre eles seria apenas algo acessório, logo almejar ser como um grego da antiguidade está ao alcance do homem assim como ser um viking, por exemplo, trata-se de adotar a postura correta. Ocorre que cada tempo possui a sua configuração, um corpo, é assim que Nietzsche dá tanta importância a vários aspectos da vida ao longo de sua obra, há observações desde a alimentação até a prática de exercícios que denunciariam que tipo de corpo o homem cultiva e ao fazê-lo como o homem poderia exercer sua vontade. O corpo é um conjunto de possibilidades e de impossibilidades jogado no mundo, ao mesmo tempo que se abre para um sem fim de possibilidades também fecha-se para um outro tanto.

O homem moderno é um niilista porque seu corpo é marcado dessa maneira, não há como ele ser de outra forma, por mais querer que ele tenha. Nesse sentido nenhum homem pode sequer sonhar de fato como seria ser um grego da antiguidade em sua totalidade, somente especular. Aqui vale uma observação: vontade e querer são duas ideias distintas na filosofia de Nietzsche. A vontade de potência[58] não é um ato voluntarioso é uma abertura, é a dinâmica presente nas forças da natureza não é vontade de algo que se vai a vontade de potência não passa:

> (...) não há vontade que não seja Vontade de potência e de acordo com esta relação a vontade não é outra coisa que o impulso primordial, de que nenhuma interpretação moral do intelecto poderia alguma vez suspender, as inumeráveis metamorfoses que atravessa, as figuras que adota, os pretextos que as provocam seja o fim invocado, seja o sentido que, nessas metamorfoses, pretende adotar esse impulso, a nível

[57] Idem. p.77.
[58] Sobre a Vontade de potência ver nota número 2.

> consciente. Desse modo, a fatalidade se confundiria com a força do impulso que, precisamente, excede a "vontade" do agente e o modifica ameaçando sua identidade estável.[59]

A história não seria algo contínuo que passeia pelo tempo indo e vindo no sentido que bem quiser e sim uma série de quebras de continuidade que se acumulam sem uma lógica causal própria. O que significa dizer que na modernidade existe algo que existia na antiga Grécia, porém esse algo não é diretamente ligado por um nexo causal no tempo. Por isso ao tentar explicar o que ocorre na modernidade Nietzsche recorre ao passado, pois esse passado é constituinte do presente. Quando Nietzsche fala do espírito trágico ele não está referindo-se a recriar a Grécia na Alemanha e sim de dar abertura para que o espírito de criação que estava presente na Grécia ocorra também na Alemanha, mas não do modo grego e sim alemão:

> Algum dia seja possível colocar a nossa meta, passo a passo, mais elevada e mais distante, algum dia talvez conquistemos o direito de sermos louvados pela recriação, em nós, de forma tão frutífera e grandiosa do espírito da cultura romano-alexandrina – também por intermédio de nossa história universal – a fim de, então, como a recompensa mais nobre, podermos nos colocar a tarefa ainda mais violenta de dar um passo atrás deste mundo alexandrino, de ansiar para além dele e buscar nossos modelos de uma visão mais corajosa no mundo originário dos grandes, naturais e humanos gregos antigos.[60]

É desse lugar sem finalidade e sem necessidade que Nietzsche organiza sua definição de memória que está à serviço da vontade de potência, como todas as forças que atuam sobre o mundo. A crítica profunda do projeto nietzschiano à modernidade mora no fato desta pensar o homem como detentor de um destino e suas ações todas são encadeadas de modo a realizá-lo. Não há razão para ter um fim em existir, as coisas somente são. Seguindo tal raciocínio, a única função da memória assim como todas as outras funções humanas é ampliar o poder do homem; entenda-se aqui poder não no sentido de acumular mais poder, mas de ampliar as possibilidades em que a existência humana pode ser vivida, afinal vontade é vontade de potência.

Os homens que negam o ímpeto da vontade de potência não escapam dele; ela é a própria dinâmica das forças da natureza e não uma escolha, a questão é o modo como os homens lidam com ela. Daí o asceta tentar domá-la para preservar a vida enquanto o homem que é senhor de si quer dar-lhe vazão até que termine. Inclusive é possível deduzir aí as duas posturas postas por Nietzsche em relação à vida: a do homem reativo e a do ativo. As posturas traduzem-se justamente em cada um dos caminhos traçados até então para ela. O homem reativo o é pois segue preceitos morais organizados de fora para dentro, preceitos morais que

---

[59] KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Tradução própria.p.68.
[60] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova.p.124.

encaminham o homem para um ideal, logo sua pretensão não é deixar-se levar pelo devir, mas reagir a ele. Então o modo reativo da memória utiliza o passado à moda de um arquivo, ele retorna como um fantasma para assombrar o presente em forma de remorso:

> Há uma espécie de loucura da vontade, nessa crueldade psíquica, que é simplesmente sem igual: a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação, sua vontade de crer-se castigado, sem que o castigo possa jamais equivaler à culpa, sua vontade de infectar e envenenar todo o fundo das coisas com o problema do castigo e da culpa, para de uma vez por todas cortar para si a saída desse labirinto de "ideias fixas", sua vontade de erigir um ideal – o do "santo Deus"- e em vista dele ter a certeza tangível de sua total indignidade.[61]

O homem ativo lida com a memória de modo com que ela não retorne como se fosse um presente envelhecido, ela é parte de sua formação. A memória, nesse contexto, é aquilo que está presente no homem a todo momento, ao mesmo tempo em que se atualiza. Por isso que o homem ativo articula a memória com a vontade de potência ele aceita o devir:

> História abscôndita. Todo homem grande exerce uma força retroativa: por causa dele, toda a história é, de novo, colocada na balança, e mil segredos do passado saem dos seus esconderijos para o sol que é dele. Não se poderia prever tudo aquilo que algum dia há-de fazer parte da história. Talvez o passado ainda permaneça essencialmente por descobrir. Ainda são necessárias tantas forças retroativas![62]

O modo ativo da memória ao manifestar-se não é preso ao passado, pois está a todo momento em contato com o mundo, atualizando-se. Logo, ela retorna como possibilidade a cada vez que marcas novas são feitas no corpo. A memória abre novas vertentes de ação no mundo.

2.4 As forças e a memória

Em lugar de pensar que há uma ordem racional e harmônica na essência do mundo, onde tudo o que existe possui uma razão e um destino, o filósofo o imagina como uma trama de forças sem finalidade e nem causa. Quando mostra essa estruturação, Nietzsche remete a ordem das coisas à vontade de potência, o contrário da realização de uma essência pré-fixada em um outro mundo, como pensa a tradição socrático-platônica. Assim o mundo não seria apreensível de uma forma pura pela razão, não é traduzível nem explicável:

> A questão é, afinal, se reconhecemos a vontade realmente com atuante, se acreditamos na causalidade da vontade: assim ocorrendo – e no fundo a crença nisso é justamente a nossa crença na causalidade mesma -, temos então que fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como única. "Vontade", é claro, só pode atuar sobre "vontade" – e não sobre "matéria" (sobre "nervos", por

[61] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral, uma polêmica*. Tradução Paulo César Souza. p.81.
[62] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.p.49.

> exemplo -): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem "efeitos", vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade. – Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade – a vontade de poder, como é minha tese -; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder[63], e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é um só problema -, então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu "caráter inteligível" – seria justamente "vontade de poder", e nada mais.[64]

A vontade de potência não é nada mais que um fluxo de forças em todas as direções e sentidos sem meta alguma. Viver em um mundo caótico é algo imponderável por isso a necessidade de ordens e hierarquias arbitrárias, que dão direção àquilo que não tem um foco. É nesse sentido que Nietzsche dirá que o homem está à deriva em pleno oceano:

> *No horizonte do infinito*. Deixamos a terra firme, embarcamos! Não podemos voltar para trás, mais ainda, cortamos todas as ligações com a terra firme! Agora, barquito, toma cuidado! Tens na tua frente o oceano! É verdade que ele nem sempre ruge, por vezes espraia-se calmo, como se fosse seda e oiro, como um sonho de bondade! Momentos virão, porém em que reconhecerás que ele é infinito e que nada há de mais terrível que a infinitude. Ai da pobre ave que se sentiu livre, e se debate agora contra as paredes desta gaiola! Ai de ti, se as saudades da terra firme te assaltarem, como se lá tivesse havido mais *liberdade*...agora que já deixou de haver "terra".[65]

Existir é estar dentro de um jogo de forças do qual não se tem consciência de sua totalidade. O homem cria uma série de simulacros para dar conta de "domar" essas forças e lidar com a sua existência. Homens em qualquer tempo necessitam de sentido. Não existe a possibilidade de falar sobre o caos, não existem palavras para descrevê-lo, porém ele está aí, pois todo homem o intui: "é preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós"[66]; esse caos que habita o seu interior essa vontade de potência não é apreensível pela consciência em sua totalidade.

A criação é um modo de dar conta, temporariamente, do caos. Na famosa formulação de Platão sobre as cópias e os simulacros, Platão exclui o artista da cidade justamente porque este cria coisas que não dizem nada sobre as Ideias em sua totalidade apenas interpretações possíveis e parciais delas. Contudo as interpretações a cada vez que são feitas são realizadas de um modo cada vez mais distante da Ideia, afastando-se mais e mais da verdade que é única.

---

[63] Apesar da opção do tradutor do texto citado ser a de utilizar Vontade de poder essa dissertação optou por fazer uso de Vontade de potência, logo onde lê-se Vontade de poder entender por Vontade de potência. Para mais detalhes ver nota número 2.

[64] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César Souza. p.43.

[65] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.p.139.

[66] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva.p.41.

Enquanto a cópia esforça-se paulatinamente em assemelhar-se ao original o simulacro é mais dessemelhante assim para Platão o filósofo é aquele se aproxima cada vez mais da verdade:

> Temos então a considerar, depois disto, a tragédia e o seu corifeu, Homero, uma vez que já ouvimos dizer que esses poetas sabem todos os ofícios, todas as coisas humanas referentes à virtude e ao vício, e as divinas. Efetivamente, um bom poeta, se quiser produzir um bom poema sobre o assunto que quer tratar, tem de saber o que vai fazer, sob pena de não ser capaz de o realizar. Temos, pois, de examinar se essas pessoas não estão a ser ludibriadas pelos imitadores que se lhes depararam, e, ao verem as suas obras, não se apercebem de que estão três pontos afastados do real, pois é fácil executá-las mesmo sem conhecer a verdade, porquanto são fantasmas e não seres reais o que eles representam; ou se tem algum valor o que eles dizem, e se, na realidade, os bons poetas têm aqueles conhecimentos que, perante a maioria, parecem expor tão bem.[67]

Levando em consideração a formulação posta acima a questão para Nietzsche não é a oposição entre cópia e simulacro, entre mundo das ideias e mundo físico. Essa oposição mesma que é destruída: não existe ideia a ser copiada. Existem apenas forças que não obedecem nenhuma ordem pré-determinada apenas a vontade de potência, é por isso que o filósofo adota o artista que Platão expulsa da cidade. Todo conhecimento sobre o mundo tem um fundo arbitrário em última instância, porque não é possível falar sobre qualquer coisa sem criar condições para tal. Daí Nietzsche não falar em essências, mas em valores, porque conhecer o mundo é interpretá-lo é por aí que Nietzsche expulsa o artífice que cria cópias e fica com o artista que cria simulacros e vai na direção contrária à da filosofia de Platão. Nietzsche abandonou a estabilidade das ideias eternas pela mudança constante:

> Considera Deleuze que, "A relação das forças é determinada em cada caso pelo tanto que uma força é *afetada* por outras, inferiores ou superiores", por isso, "O *sentido"* de uma coisa é a relação desta coisa com a força que dela se apodera, o valor de alguma coisa é a hierarquia das forças que se expressam na coisa enquanto fenômeno complexo", posto que temos notícia com Nietzsche de que, "A vontade de potência não é um ser, não é um devir, mas um *pathos* – ela é o fato mais elementar de onde resulta ulteriormente um devir e uma ação...", isto é, ela tem a capacidade de afetar ou de ser afetada, uma vez que já vimos no capítulo I do livro que esta é a especificidade mesma do corpo: "Nós intuímos o pensamento como corpo – porque nós somos vontade", capacidade esta que se traduz por poder-receber-imprimir impressões, vale dizer, *afetos.*[68]

O homem necessita de estabilidade para viver, por isso a interpretação sobre as forças assim como todas as ideias em Nietzsche, faz um movimento pendular entre o gregário e o singular. O homem vai buscar a sua estabilidade no espírito gregário, que garante a ordem sobre o mundo como um lugar possível de ser vivido, é nele que ganha estabilidade junto ao mundo, uma vez que é em conjunto que cria signos comunicáveis entre os homens para um reconhecimento do mundo. Esses signos são agrupados sob a égide da verdade, reconhecê-la é manter o mundo inteiro.

---

[67] PLATÃO. *A república.* Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.p.458.
[68] CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche Espírito Artístico*.p.73.

A memória pode ancorar o indivíduo ao coletivo, ao gregário afirmando uma identidade coletiva, ao fazê-lo garante a existência do indivíduo agregando-o ao rebanho afirmando a igualdade entre todos. Assim a igualdade que procura estabilizar o jogo de forças caótico que é o mundo o faz cessar o movimento, ou melhor identificando o movimento com a falsidade. E ela pode também servir como meio de experimentação das diversas possibilidades sobre o mundo, quando o faz, destrói a estabilidade do gregarismo e impõe novas ações possíveis.

2.5 A identidade sem centro

O jogo de forças descola a identidade de sua identificação, pois ao navegar por ele a identidade está sempre identificando outra coisa, uma vez que muda de local à medida em que a configuração de forças se transforma, a identidade permanentemente se transfigura. A mudança constante, a adaptação a um jogo randômico de forças põe a identidade em uma zona de indeterminação assim como a própria noção de verdade. Ela então não poderia ser algo permanente, como é definida pela metafísica, mas uma identidade em devir, que sempre escapa, pondo em xeque a própria noção de identidade que sempre foi definida como algo estável e fora da corrupção do tempo à qual o mundo físico está sujeito:

> Nietzsche entende o corpo como guia, um pensamento materializado, "[...] através do qual, além do qual, por cima do qual parece correr um imenso rio invisível, este corpo é um pensamento mais surpreendente do que a 'alma' de agora, [...] nosso bem mais autêntico, nosso ser mais certo, isto é, nosso eu" e, por isso, "a crença no corpo é provisoriamente ainda uma crença mais forte que a crença no espírito". Sustentado por essas instituições, questiona o sujeito único: "quem sabe não seria permitido admitir uma multiplicidade de sujeitos cuja cooperação e a luta seriam o fundo do nosso pensamento e de toda nossa vida consciente? " A perspectiva correta, na sua compreensão é a de "um ser ao mesmo tempo uno e múltiplo, mutável e permanente, entendedor, sensível, desejante – este ser é para mim o fato fundamental", desde que "Não há 'átomos' do sujeito. A esfera do sujeito *cresce* ou *diminui* constantemente, o centro do sistema se *desloca* sem cessar" e, em decorrência desse fato, o que se chama 'alma' serve para designar um sistema de juízos de valor e de emoções de valor. "[69]

Tomando como ponto de partida essa crítica nietzschiana, Pierre Klossowski defende que a morte de Deus abre para o mundo outro deus: o Caos. Não há uma metafísica dessa força, ela ocorre fisicamente. A identidade ao se equilibrar nesse imponderável não tem nada por trás e nenhum destino por realizar. Não há nada que fundamente as coisas, tudo é um caos e se equilibra sobre alguma ordem inapreensível pela razão:

[69] Idem.p.74.

> Em verdade, foram os homens a dar a si mesmos o seu bem e o seu mal. Em verdade, não o tomaram, não o acharam, não lhes caiu do céu em forma de voz.
> Valores às coisas conferiu o homem, primeiro, para conservar-se – criou, primeiro, o sentido das coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama "homem", isto é: aquele que avalia.
> Avaliar é criar: escutai-o, ó criadores! O próprio avaliar constitui o grande valor e a preciosidade das coisas avaliadas.
> Somente há valor graças à avaliação; e, sem a avaliação, seria vazia a noz da existência. Escutai-o ó criadores![70]

O véu que encobre a verdade de fato é a única coisa que pode-se chamar de verdade, por trás dele não há nada. Por trás do mundo não há outro mundo, e admiti-lo é aceitar que não existe nada além de corpos e não há nada que os determine. A memória sob essa perspectiva não determina a identidade, ela determina possibilidades de afirmação de alguma identidade, sempre provisória. A memória então, ao invés de fixar o homem de uma vez por todas em si mesmo ela abre um cabedal de possibilidades de ser. A memória é uma força motriz para a ação: "O artista precisa da infidelidade da memória para não copiar a natureza, e sim transformá-la"[71].

Ela está nessa tensão entre aquilo que identifica enquanto algo já conhecido e já vivido e aquilo que é um caso fortuito, que ocorre uma única vez. O gregário assenta-se sempre na familiaridade enquanto o singular no caso fortuito. Ocorre que a familiaridade acaba por ser uma ilusão da consciência, essa ferramenta posta como o principal dispositivo humano:

> O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundeza e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência...(...)
> Sua consciência? ...Já se percebe que o conceito de "consciência", com que deparamos aqui em sua manifestação mais alta, quase desconcertante, tem uma longa história e variedade de formas atrás de si. Poder responder por si, e com orgulho, ou seja, poder também dizer *Sim a si mesmo* – isto é, como disse, um fruto maduro, mas também um fruto tardio: quanto tempo teve esse fruto – ninguém podia prometê-lo, embora tudo na árvore estivesse preparado e crescesse justamente em vista dele![72]

Ao assentar-se entre um e outro ela afirma também duas qualidades dela mesma: uma memória da consciência e uma memória do corpo. A memória consciente tem essa função de guardar, sequencialmente as lembranças acessando o passado quando este for necessário, enquanto a do corpo é sempre carregada por ele, pois não cataloga a memória. É importante salientar, entretanto, que essas duas atitudes diante da memória não se opõem uma a outra as duas são características da mesma função que se manifesta dessas duas formas e a consciência afirma-se como parte do corpo.

---

[70] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. p.86.
[71] NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para depois de amanhã*. Tradução de Karina Jannini p.53.
[72] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral, uma polêmica*. Tradução de Paulo César Souza.p.50.

A identidade sempre escapa ao homem e se reconfigura constantemente, essa unidade é algo tenso entre aquilo que ela define que é e aquilo que ela não sabe que é. É nessa tensão que a memória encontra-se, sempre vendo o mundo escapar por entre os dedos, pois não consegue jamais identificar o "Eu" consigo mesmo, pois esse "Eu" é sempre outro, assim como as coisas são sempre outras. O indivíduo é apenas o resultado de um determinado jogo de forças, uma criação para que o jogo não cesse.

2.6 Niilismo ativo

O niilismo na filosofia de Nietzsche geralmente é atrelado a algo negativo em relação ao ser humano. Um papel desagregador de forças que o niilismo pode ter é identificado na filosofia nietzschiana como um niilismo passivo, que desespera ao deparar-se com o sem sentido da vida; tal desespero se dá pela reatividade das forças representadas por esse niilismo. O mundo seria um sofrer sem sentido e isso seria terrível, pois não há nele harmonia ou um sentido pré-estabelecido, sem contar a falta de uma recompensa após a morte. Matar Deus é retirar algo que justifique o mundo, como o deus cristão, para dizer que é lógica a sua existência, afinal sem ele o que o homem faz aqui? A resposta de Nietzsche é: nada. "Chega-se ao máximo de força relativa o mesmo que força violenta de destruição, o mesmo que niilismo ativo. Seu contrário seria o niilismo esgotado que para de atacar sua forma, a mais famosa, o budismo é o mesmo que o niilismo passivo".[73]

O niilismo ativo ao não identificar uma necessidade de sentido na vida para que ela seja digna, desmancha toda a argumentação construída pela tradição ocidental que deposita seu valor em um sentido além do mundo. Diferente do passivo que esvazia a vida de valor ao destitui-la de um sentido, o ativo nota a abertura da vida para múltiplos sentidos e valores possíveis. Aquilo que aparece como um problema para o reativo é uma abertura para a criação do homem ativo, isso porque o niilismo ativo sabe que: "A vida não é um meio para qualquer coisa: ela é a expressão das formas de crescimento de poder".[74]

O niilismo ativo é uma abertura para a criação e por essa razão ao dizer que as coisas não fazem sentido, o homem precisa dotar o mundo de sentido, assim mostra que aquilo que não existe necessita ser criado. Por ser um criador/avaliador por natureza, quando o homem percebe não haver um sentido intrínseco ao mundo ele cria.

---

[73] NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments posthumes, automne 1887- mars 1888*. Tradução de Pierre Klossowski. Tradução própria para o português. p.24.
[74] Idem. p.23.

O niilismo passivo é um caminho para a destruição, pois o mundo se mostra esvaziado de sentido e não há mais onde buscá-lo. A criação é um pecado uma vez que existe uma determinação externa do mundo, pois existiria somente um único sentido para as coisas quando ele não está lá tudo perde valor. Assim, como foi desenvolvido no capítulo anterior, não há esperança, e a memória tem um papel de julgar e guardar coisas que mantém o mundo idêntico a si mesmo.

O niilismo ativo nos dá uma outra possibilidade, estética que não está presa a uma identidade e resignifica a morte de Deus anunciada por Nietzsche que se interpretada em tom de lamento é a expressão maior da passividade e da paralisia. O niilismo ativo renega que há um lamento aí, essa é uma abertura para uma série de possibilidades. A potência desse niilismo é tornar possível que valores sejam criados para que o mundo seja de todas as formas que ele puder ser. E ao mostrar-se enquanto força abre o caminho para a criação possível.

> O niilismo apresenta um estado intermediário patológico (patológica é a descomunal generalização, a conclusão de não haver mais *nenhum* sentido absolutamente [*der Schluss auf gar keinen Sinn*]): seja pelo fato de que as forças produtivas ainda não estejam fortes o bastante: seja porque a decadência ainda vacila e ainda não inventou seus remédios [Hilfsmittel].
> *Pressuposição dessa hipótese:* não existe *nenhuma verdade*; não há nenhuma propriedade absoluta das coisas, nenhuma "coisa em si". – *Isso mesmo é um niilismo, e deveras o mais extremo*. Ele desloca o valor das coisas para um âmbito no qual a esse valor não corresponde nem pode ter correspondido nenhuma realidade, mas que é somente um sintoma de força por parte de quem confere valor, uma simplificação para a *finalidade da vida*.[75]

O niilismo abre para o homem a consciência de que não há nenhuma verdade que não dependa da interpretação humana. Esse fato torna possível que o homem sinta-se impelido a criar os valores com os quais se guia pelo mundo. A distinção maior entre o niilismo passivo e o ativo é o modo com que eles permitem que se lide com o mundo a partir deles. O niilismo passivo lamenta a perda de sentido e o ativo lança-se a criar.

2.7 Perspectivismo e memória

Todo o conhecimento é perspectivista, segundo Nietzsche, para compreender o que o filósofo quer dizer quando versa sobre a memória não é possível perder de vista tal princípio. É inescapável que o homem adote sempre alguma perspectiva, nenhum saber é neutro do mesmo modo que, nenhuma ação no mundo é realizada sem conter nela qualquer intenção

[75] NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marco Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes.p.33.

consciente ou não. Ele põe por terra qualquer ambição de compreender totalmente o mundo assim como o de dizer alguma verdade única e eterna sobre ele:

> Quando o homem alcança a convicção fundamental de que tem de ser comandado, torna-se "crente"; pelo contrário, seria conceber um gosto e força da autoafirmação, uma *liberdade* da vontade, quando o espírito diz adeus a todas as crenças, todos os desejos de certezas, habituado que está a conseguir aguentar-se sobre arames e possibilidades leves e a dançar ainda, mesmo junto aos abismos. Um tal espírito seria o espírito livre *par excellence*.[76]

Dessa forma, aqueles que se veem tomados por ideias totalizadoras do mundo, como os niilistas passivos vistos no capítulo anterior, só fazem enganar a si próprios, pois o fato de tomarem para si que dizem a única verdade possível não torna suas sentenças mais verdadeiras:

> O *nosso novo "infinito".* Até onde se estende o caráter perspectivista da existência, ou até se ela tem qualquer outro caráter, se uma existência sem interpretação possível, sem "sentido", não se torna mesmo num "absurdo", se, por outro lado, não é toda a existência essencialmente uma existência interpretativa – isto não pode ser determinado, como é justo reconhecer, nem mesmo pela mais diligente e escrupulosamente conscienciosa análise ou auto-exame do intelecto, pois, no decurso desta análise, o intelecto humano não pode deixar de se ver sob a perspectiva das suas *formas*, e *unicamente* nelas.[77]

A articulação entre o perspectivismo e a memória se dá no momento em que ela aparece em uma dupla função no ser humano, ao mesmo tempo em que faz com que o homem mantenha-se em uma perspectiva, experimentando-a, é também fio condutor para que a mesma se esgote e se transforme atuando em conjunto com o esquecimento. Dessa maneira a memória é fiadora da experimentação levando o homem até a última instância desse movimento, forçando-o a não ver mais sentido nele. Essa Experimentação jamais é completamente consciente, não é um ato voluntarioso, é sim um ato motivado pela vontade de potência:

> Não temos na realidade nenhum órgão para o conhecimento, para a "verdade": "sabemos" (ou acreditamos ou imaginamos) precisamente tanto quanto pode ser útil no interesse do rebanho humano, da espécie: e mesmo o que aqui se designa por "utilidade", não é em última análise senão uma crença, uma imaginação, talvez aquela mais funesta insensatez, que virá eventualmente a ser a nossa perdição.[78]

Se não há nenhum órgão responsável pelo conhecimento, pela verdade absoluta o que resta ao homem é a experimentação. A grande força do perspectivismo é terminar com a busca de um fundo onde ele não existe, o perspectivismo abre espaço para a testar perspectivas possíveis.

---

[76] NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.p.260.
[77] Idem.p.308.
[78] Ibidem.p.271-272.

> Mais uma vez a resposta exige que tenhamos sempre diante de nós o contexto niilista em que as questões se põem. Neste não haverá lugar para a crença num mundo em si ou para a crença na instituição de uma verdade como a melhor teoria que corresponde às coisas tais como elas são. Ora uma concepção de conhecimento determinado pelo poder será perspectivista se assumir o espaço inevitavelmente conflitual, dinâmico e sempre reconfigurável, em que se movem os conhecimentos (teorias, perspectivas). Esse é o espaço de uma epistemologia niilista no sentido mais apropriadamente nietzschiano. O poder, os múltiplos centros donde irradia, é sempre por definição um equilíbrio instável, ou melhor uma multiplicidade de equilíbrios instáveis.[79]

A abertura que o niilismo realiza exige o perspectivismo, não há outro modo de falar de conhecimento e de vontade de potência senão desse modo. Logo, os valores as hierarquias e os modos de ser, dizer e viver são também perspectivistas. A memória também o é, guardando em si aquilo que de fato interessa àquela perspectiva em questão.

> O que só pode significar que aquele que interpreta o conhecimento como função da utilidade está ainda a laborar num erro. Afinal, é o que já acontece com todos os epistemólogos que usam categorias (causalidade, totalidade, unidade, etc.) como autênticas categorias do ser. E, no entanto, é verdade que é o próprio Nietzsche que que usa uma linguagem própria do pragmatismo e do utilitarismo: as semióticas humanas que visam o "real" são antes de mais nada idiossincrasias antropocêntricas, cuja origem é a utilidade para a vida.[80]

Nietzsche ancora o conhecimento perspectivista usando o critério da utilidade para a espécie, para a perpetuação do homem. Ele está sempre à serviço da manifestação da vontade de potência. Em um primeiro momento pode parecer que o filósofo considera a opção de buscar um fundamento para o conhecimento à maneira dos utilitaristas, contudo essas próprias utilidades são frutos de perspectivas não existe ação do homem que não seja orientada por uma. Desse modo, tudo o que o homem realiza é fruto da vontade de potência e visa seu crescimento, mas o significado desse crescimento está sempre no porvir.

Portanto se a existência humana dá-se de maneira perspectivista a memória também trocará de arranjos à medida em que as perspectivas se modificam. Dessa forma àquilo que é tremendamente importante hoje pode não ser amanhã, uma possível mudança de perspectiva alteraria também todas as escalas de valores. Essa mudança de escala de valores que torna possível ações novas e novas formas de existir no mundo.

A mudança e os modos de lidar com ela é o ponto de inflexão entre a memória, a vontade de potência e o niilismo. A memória quando articulada com a face passiva do niilismo reage a ele refugiando-se nas lembranças tratando-as como algo que não está acessível ao devir, a marca do niilismo passivo é o ressentimento por ao mesmo tempo saber que falta um sentido final ao mundo e ainda assim o querer. Quando articulada com a face

---

[79] MARQUES, Antonio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*.p.140.
[80] Idem.p.134.

ativa do niilismo a memória abraça o perspectivismo e o sem sentido do mundo, não o nega, mas o aprofunda abrindo o homem para todas as experimentações possíveis para a perspectiva presente.

3 SOBRE O ESQUECER

Este capítulo propõe analisar como o esquecimento aparece de diversos modos na filosofia de Nietzsche e como é valorado a partir deles. Assim como a memória surge do jogo de forças, o esquecimento também. A relação entre memória e esquecimento está intimamente ligada aos conceitos vistos anteriormente.

É importante perceber como o esquecimento configura-se desde algo nefasto para o homem, uma vez que nega a sua identidade, até algo salutar pois abre novas possibilidades para a existência humana. O esquecimento só é possível porque existe a memória e vice-versa, não resulta de forças em si mesmas, mas de forças postas a favor da vida afirmando uma constante tensão. Em certo sentido é o esquecimento que torna possível a memória e ela que dá a melhor forma ao esquecimento. Essa postura ativa em cada uma das forças faz com que a vida se potencialize. Ao contrário da postura reativa que valora o mundo de uma maneira moral e nega o esquecimento em favor da memória. Tal posicionamento transforma o esquecimento em uma grandeza que despotencializa e angustia o homem moral, porque o coloca como algo essencialmente negativo.

Uma memória saudável coloca-se no devir, o esquecimento também é essencial para proporcionar ao homem novas possibilidades de criação. Um homem doente prende-se ao remorso que paralisa a sua vida. O homem saudável prende-se ao devir para viver sempre.

Este capítulo discute como se dá essa tensão entre memória e esquecimento e que consequências traz para o jogo de forças, articulando-a com conceitos que são capitais para o entendimento da filosofia de Nietzsche.

3.1 O Camelo, o Leão e a Criança

As três metamorfoses do espírito é uma imagem bastante clara para resumir o que o filósofo pensa do ciclo da memória. Nela estão representadas as figuras já desenhadas anteriormente: a característica reativa da memória, no primeiro capítulo, e a característica ativa, no segundo, assim como permite que se dê atenção a uma outra ideia que ainda não foi vista detalhadamente: o esquecimento. Essa imagem apresenta uma visão de memória como um círculo onde o passado, o presente e o futuro estão imbricados simultaneamente:

> Pois bem, se essa maneira de viver o tempo representa um verdadeiro apossar-se da nossa temporalidade no contexto do pós-niilismo, o que ocorre não é senão a substituição da metafísica cristã do tempo linear por uma experiência pagã do tempo como eterno retorno, na medida em que o essencial dessa nova forma de viver a temporalidade seria o retorno repetido da decisão de reunir as determinações

> temporais do passado, presente e futuro numa forma ou significado unificador com cuja evolução se desdobra a incessante conquista do uno mesmo. Viver o tempo como eterno retorno significa que as três dimensões do tempo se dão simultaneamente em cada instante da temporalidade vivida, o que torna o instante igual à eternidade.[81]

A memória entendida como um conjunto de valorações possíveis é sempre restritiva, pois proporciona um número determinado de ações no mundo. Ela concentra as forças em uma única direção eliminando aquilo que se põe fora dela, logo a memória é condição de possibilidade da criação, pois ao apontar um caminho elimina todos os outros e precisa eliminar um *quantum* extraordinário de força para garantir um outro *quantum* dessa mesma força de um modo ordenado e poderoso.

> O ponto de vista do "valor é o ponto de vista das condições de conservação e incremento com referência à complexa configuração da relativa duração da vida no interior do devir:
> - não há unidades últimas duradouras, átomos, mônadas: também aqui "o que é" [*"das Seiende"*] é antes introduzido por nós (por motivos práticos, utilmente perspectivos).
> - *"Configuração de domínio"*; a esfera dos dominadores continuamente crescendo, ou à mercê do favor e desfavor das circunstâncias (da alimentação -), periodicamente decrescendo e crescendo. [82]

O Camelo, o espírito da carregação, é a imagem para mostrar os homens que levam seus valores cristalizados e por isso lhes dão um valor eterno, valores atribuídos por uma força superior: Deus, Estado, Família, Mercado, etc. Ele pode ser compreendido como a imagem da reatividade que a memória pode permitir, pois carrega consigo todos os valores que não se dissipam. O Camelo, animal de carga, toma para a si a função de levar aquilo que põe sobre seus ombros, essa é sua natureza:

> Burro (ou Camelo) – São os animais do deserto (niilismo). Carregam, carregam com fardos até ao fim do deserto. O Burro tem dois defeitos: o seu Não é um falso não, um "não" do ressentimento. E ainda mais, o seu Sim (I-A, I-A) é um falso sim. Julga que afirmar significa carregar, assumir. O Burro é, em primeiro lugar, o animal cristão: carrega com o peso dos valores ditos "superiores à vida. Depois da morte de Deus, carrega-se a si mesmo, carrega com o peso dos valores "humanos", pretende assumir "o real como ele é": por conseguinte, ele é o novo deus dos "homens superiores". De uma ponta à outra o Burro é a caricatura e a traição do Sim dionisíaco; afirma, mas só afirma os produtos do niilismo. As suas longas orelhas opõem-se, pois, às orelhas pequenas, redondas labirínticas de Dionísio e de Ariana.[83]

O deserto por onde caminha o Camelo representa o sem sentido da vida constatado pelo niilismo; suas cargas são aquilo que garantem uma meta para atravessar o deserto. O aspecto sucessivo da memória, que leva tudo sem nada tirar de uma ponta a outra do deserto,

---

[81] SANCHÉS MECA, Diego. *Cadernos Nietzsche n° 33, Nietzsche ou a eternidade do tempo*. Tradução: Vinícius de Andrade.p.190.
[82] NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marco Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro.p.360.
[83] DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos.p.35.

identifica o existir com a acumulação. Aí residem a culpa e a má consciência, características do Ideal ascético que identifica seus valores com uma verdade dogmática e sua desobediência com a danação eterna. Assim, a carga do Camelo representa o passado que se faz sempre presente sem modificar sua forma original:

> 3º O *ideal ascético*: momento de sublimação. O que a vida fraca reativa vale é afinal a negação da vida. A sua vontade de poder é vontade de nada, como condição de seu triunfo. Inversamente, a vontade de nada só tolera a vida fraca, mutilada, reativa: estados vizinhos de zero. Então, estabelece-se a inquietante aliança. Julgar-se-á a vida de acordo com os valores ditos superiores à vida: estes valores piedosos opõem-se à vida, condenam-na, conduzem-na ao nada; só prometem a salvação às formas mais reativas, às mais fracas e às mais doentes da vida. Esta é a aliança do Deus-Nada e do Homem-Reativo. Tudo está invertido: os escravos chamam-se senhores, os fracos chamam-se fortes, a baixeza chama-se nobreza. Diz-se que alguém é forte e nobre porque ele carrega: carrega o peso dos valores "superiores", sente-se responsável. Mesmo a vida, sobretudo a vida, parece-lhe difícil de suportar. As avaliações estão de tal modo deformadas que já não sabemos ver que o carregador é um escravo, que o que ele carrega é uma escravatura, que o carregador é um carregador-fraco – o contrário de um criador, de um dançarino. Porque, na verdade, só carregamos à força de fraqueza, só nos fazemos carregar à vontade de nada. (cf. o Bobo de Zaratustra; e o personagem do Burro).[84]

O caminho que o animal de carga faz não se desvia da linha reta, emulando a imagem do tempo judaico-cristão que o pensa em uma progressiva linha com um começo e um fim, sendo o fim resultado direto do início, logo carregar tais valores é crer que o que é carregado garante o sentido da viagem. O Camelo realiza um "Sim", mas sem potência, sem a força criadora, sóbrio. A afirmação do Camelo também nega, afirma o valor da carga e nega o do deserto. O sentido de sua travessia está em levar a carga pelo deserto e não no próprio deserto, do mesmo modo em que para o cristão o valor da vida está no além vida:

> O espírito que se torna camelo é forte, vigoroso, corajoso, paciente, respeitador. Ele é propriamente falando "heroico". Suas atividades são múltiplas: da religião a moral, da moral ao conhecimento. Mas o que é comum a todas as suas atividades, é carregar. Também o espírito-camelo carrega todos os valores: os valores divinos, também os valores humanos da moral, os valores do conhecimento ele mesmo. Dizer sim, para ele, é sempre assumir, se encarregar. Esse é o herói, então Nietzsche dirá que ele não sabe "descarregar". A divisa é "Tu deves" - o dever vem de um Deus, de um mestre ou dele mesmo. [85]

O Leão não carrega valores pelo deserto, mas dele se apropria. Ele é identificado com a sua apropriação e dos valores para lidar com ele. O Leão é o dono do grande "Não" aos valores carregados pelo Camelo, o "Tu deves" do Camelo, representando após sua transformação em Leão pela figura do Dragão, é substituído pelo "Eu quero" do Leão. O poderoso Leão que se apropria daquilo que precisa para se orientar no mundo pode ser associado ao uso da característica ativa da memória e do niilismo.

---

[84] Idem.p.25.
[85] GUEROULT. Martial. Introduction. In. *Cahiers du Royaumont*, Philosophie n°VI - *Nietzsche*. Tradução própria.

> Mas, no mais ermo dos desertos, dá-se a segunda metamorfose: ali o espírito torna-se leão, quer conquistar, como presa, a sua liberdade e ser senhor em seu próprio deserto. Procura, ali, o seu derradeiro senhor: quer tornar-se –lhe inimigo, bem como do seu derradeiro deus, quer lutar para vencer o dragão.
> Qual é o grande dragão, ao qual o espírito não quer mais chamar senhor nem deus? "Tu deves" chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: "Eu quero. " (...). Criar novos valores – isso também o leão ainda não pode fazer; mas criar para si a liberdade de novas criações isso a pujança do leão pode fazer. Conseguir essa liberdade e opor um sagrado "não" também ao dever: para isso, meus irmãos, precisa-se do leão.[86]

Apropriar-se é aceitar o deserto, o Leão quer o deserto, diferente do Camelo que o nega. Com o Leão os valores não são motivo para passar pelo deserto, mas para permanecer nele. Com a transformação para Leão os valores saem de cima do animal e colocam-se à frente dele forçando um enfrentamento incontornável, pelas características próprias do espírito leonino, com o Dragão.

É importante destacar que para apropriar-se de tais valores o próprio deserto precisa ganhar um teor plástico que necessita da vontade do Leão, uma vez que a atitude necessária diante do deserto muda uma vez que o modo como se lida com os valores se transforma também. O Leão, tão poderoso consegue manter o seu poder no interior de seus domínios, mas não apresenta outros cursos para as coisas, pois ainda que esteja livre das amarras do "Sim" determinado por uma força externa, ainda não cria outros valores. Contudo passar pelo Leão é condição da criação, dizer o grande "Não" é necessário, enfrentar aquilo que antes submetia. Ao fazer isso o Leão torna-se senhor de suas ações, assume a força necessária para que isso aconteça e explora as possibilidades de agir que seu posicionamento permite. O Leão conquista a liberdade ao enfrentar o Dragão.

> No conhecimento da verdade o que importa é possuí-la, e não o impulso que nos fez buscá-la nem o caminho pelo qual foi achada. Se os espíritos livres estão certos, então aqueles cativos estão errados, pouco interessando se os primeiros chegaram à verdade pela imoralidade e os outros se apegaram à inverdade por moralidade. – De resto, não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou com um fracasso. Normalmente, porém, ele terá ao seu lado a verdade, ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele exige razões; os outros, fé.[87]

O Leão diz seu "Não" e toma o deserto, o Camelo nega o deserto, ao dizer seu "Sim". O Leão assume a força do martelo sobre si e enfrenta os valores estabelecidos, encarnado na figura do Dragão que urra "Tu Deves" e o deseja impedir de querer. O Leão nega os valores supremos quando diz o "Eu quero" e derrota o Dragão. Tarefa que somente o Leão poderia cumprir:

---

[86] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva.p.52.
[87] NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César Souza.p.144.

> Zaratustra não é Dionísio, mas apenas seu profeta. Há duas maneiras de exprimir esta subordinação. Poderíamos dizer primeiro que Zaratustra se mantém no "Não". Sem dúvida, este Não já não é o do niilismo: é o "Não sagrado" do Leão. É a destruição de todos os valores estabelecidos, divinos e humanos, que compunham precisamente o niilismo. É o "Não" transniilista, inerente à transmutação. Também Zaratustra parece ter acabado a sua tarefa ao mergulhar as suas mãos na juba do Leão. Mas, na verdade, Zaratustra não permanece no não, mesmo sagrado e transmutante.[88]

A criação torna-se possível após a transformação para a Criança. Quando o Leão torna-se Criança o espírito aprende a criar, a dizer um novo "Sim", uma afirmação muito diferente daquela feita pelo Camelo. Esse "Sim" é afirmar em direção ao desconhecido, por isso ele parte do esquecimento, pois esquecer-se é abrir-se para uma nova série de acontecimentos que a nova perspectiva que se forma a partir do jogo de forças, que se redesenha, oferece. Não é uma evolução em relação ao Leão é uma exploração de possibilidades que se abrem a partir da destruição dos valores carregados pelo Camelo e impostos pelo Dragão:

> Na passagem de uma série de acontecimentos a outra, ninguém conte com evolução ou progresso, ninguém suponha alteração ou mudança, ninguém espere sequer continuidade. Nada se mantém – muito menos a memória ou consciência. Por sua origem biológica, a consciência não passa de um "meio de comunicabilidade", "um órgão de direção" (Nachlass/FP 1887-1888, (372) 11[145], KSA 13.68). (...) ligada às origens da responsabilidade, a memória assegura a cadeia que une o querer ao ato, garante que o indivíduo se torne capaz de prometer. Efêmeras, memória e consciência surgem em determinado momento do ciclo cósmico, duram certo tempo e desaparecem.[89]

A Criança está pronta para experimentar o novo; essa disposição de espírito é a perspectiva da criação porque torna possível uma reconfiguração do quadro do possível, não uma apropriação de tal quadro, esquecer-se é experimentar tudo novamente como se jamais houvesse experimentado antes. A Criança nietzschiana tem algo da criança de Heráclito do tempo eterno inocente brincando: "Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado".[90]

> Podemos afirmar que uma das maiores influências recebidas por Nietzsche na formação de seu pensamento se encontram na obra do "misterioso" Heráclito de Éfeso. Inclusive, muitos dos temas versados pelo filósofo alemão encontram ressonância extraordinária em seu precursor da Grécia Antiga. Para evidenciar um relevante aspecto dessa relação filosófica, tão próxima na relação axiológica, mas distante no plano cronológico, trataremos a seguir da figura simbólica da criança como expressão do processo de modificação extramoral do devir.[91]

---

[88] DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos.p.39.
[89] MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, "a concepção básica de Zaratustra". In. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37.p.42.
[90] OS PENSADORES, Pré-Socráticos.p.83.
[91] BITTENCOURT, Renato Nunes. *A metáfora da criança como expressão da inocência do devir em Heráclito e Nietzsche*. In. Ensaios Filosóficos Volume XIV.p.2.

A Criança de Nietzsche representa a inocência do devir bem como a de Heráclito que se caracteriza pela inocência desse eterno recomeço, a brincadeira da criança é o próprio movimento do vir a ser. O esquecimento é a abertura de todas as possibilidades uma vez mais, coisa que o Camelo e o Leão não podem experimentar. O Camelo pelo seu temperamento submisso e o Leão pelo seu temperamento combativo tornam impossível a criação, que necessita da potência do esquecimento. Se o Camelo atravessa o deserto e o Leão o toma, a Criança o refaz. Não é possível criar seja com os valores sobre os ombros ou com eles à frente, é necessário que em um dado momento eles inexistam. Tanto o dever do Camelo quanto o querer do Leão impedem que o fluxo do devir se complete, somente o abandonar-se ao esquecimento que torna possível criar:

> Inocência, é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer "sim".
> Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado "sim": o espírito, agora, quer a sua vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.[92]

Nietzsche valoriza a experiência em lugar do conhecimento cumulativo, daí a ideia de que conhecer é experimentar, mas não reexperimentar, a experiência é sempre única por isso potente. A potência do esquecimento é transformar cada experiência em algo singular assim: "(...) tanto quanto uma mulher grávida conhece os desgostos e caprichos da gravidez: os quais, como disse, devem ser esquecidos, para se desfrutar a criança. "[93]**.** É ele que torna possível que a vida exista de uma forma plena, pois é o esquecimento que faz com que as experiências ocorram completamente; caso o esquecimento não ocorra as experiências ficariam embotadas pelas memórias anteriores paralisando qualquer ação, pois prenderia o homem ao vivido que funcionaria como um modelo; o esquecimento é a abertura para novas configurações de forças e, por conseguinte, novas atribuições de valor.

> *O gênio e o nada*. - São justamente os cérebros originais entre os artistas, os que criam a partir de si mesmos, que em certas circunstâncias podem produzir o totalmente vazio e insípido, enquanto as naturezas mais dependentes, os assim chamados talentos, estão cheias de lembranças de todas as coisas boas possíveis, e mesmo em estado de fraqueza produzem algo tolerável. Se os originais abandonam a si mesmos, porém, a memória não lhes dá nenhuma ajuda: eles se tornam vazios.[94]

A criança é capaz de criar a partir de si, sem a necessidade do contraste com outras forças sejam as cargas do Camelo ou o Dragão enfrentando o Leão. A criação da criança é autêntica pois é gratuita. A gratuidade do devir é característica do fluxo constante em que a vida se encontra, criar é sempre um ato gratuito, criar é agir e não reagir:

---

[92] NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva.p.53.
[93] NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral, Uma Polêmica. Tradução Paulo César Souza.p.91.
[94] NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César Souza.p.118.

> Podemos afirmar que, segundo a visão alegórica de Nietzsche, a criança se caracterizaria por possuir a capacidade de criar a novidade a partir de si mesma, de acordo com o fluxo de sua própria potência de agir, sem depender das influências de uma tradição cultural, que muitas vezes autoritária, impede o pleno florescer da autenticidade, da bela singularidade do indivíduo.[95]

A memória é fruto de uma configuração possível de forças que orienta as ações humanas, o esquecimento permitiria que estas mesmas forças se configurem de formas diversas criando assim novas possibilidades no mundo a partir de novas hierarquias de forças. Esquecer-se é lançar-se novamente no turbilhão de forças, no caos informe. O esquecimento não é o oposto da memória, o que ele faz é embaralhar novamente as possibilidades de caminhos a seguir. Lembrar é criar no sentido em que é necessário recolocar sob outros termos o possível. Assim o esquecimento é uma reconfiguração da experiência como um todo de fundo randômico.

3.2 O não-lembrar que paralisa e uma memória que também o faz

Em sua *Segunda Consideração Intempestiva*, Nietzsche fala sobre o animal o qual não se produziu memória, nele cada dia é idêntico a outro, apesar de serem distintos, cada momento é fugaz. Esse animal não necessita do esquecimento, as configurações de forças não o prendem, pois está sempre no instante, o que o impossibilita de experimentar porque não consegue manter-se em alguma configuração até a experimentação terminar. A total impermanência acaba por nivelar tudo, pois impossibilita a atribuição de significado:

> Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante e, por isto, nem melancólico nem enfadado.[96]

O homem gregário sofre de uma paralisia similar ao confiar demais na memória e na consciência para dirigir suas ações o que causa uma hipertrofia dessas características humanas, a incapacidade de experimentar vem desse excesso. Negar qualquer possibilidade de devir causa o mesmo efeito da falta de memória: prende o homem ao instante, pois ele permanece seguindo o mesmo modelo como se o instante fosse indefinidamente alongado lançando o homem para fora do tempo; o excesso de memória funciona como um tempo fora do tempo.

---

[95] BITTENCOURT, Renato Nunes. *A metáfora da criança como expressão da inocência do devir em Heráclito e Nietzsche*. In. Ensaios Filosóficos Volume XIV.p.12.
[96] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*.. Tradução de Marco Antônio Casanova.p.1.

Uma memória que guarda lembranças indefinidamente possui uma potência paralisante e homogeneizante em relação ao mundo, pois jamais esquece-se. A memória que surge aí lembra de tudo exceto da força do esquecimento que permite que ela entre de fato na potência do vir a ser, ela mantém tudo presente e em suspenso eternamente como um longo presente:

> Em *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* Nietzsche traça um quadro sobre a modernidade em analogia com o abatimento de que padece o indivíduo incapaz de pensar; Funes "el memorioso" é quem encarna esta parábola sobre os saberes residuais da modernidade, sobre o conhecimento que existe completamente desvinculado da experiência direta da vida. Funes é "o solitário e lúcido espectador desse mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso". O abatimento a que Nietzsche se refere a memória do Ocidente em seu conjunto, Borges o circunscreve, assim como sugere a mesma analogia de Nietzsche, ao abatimento de um indivíduo sufocado pela vã memória dos detalhes insignificantes.[97]

Nietzsche ao formular a gênese da memória a coloca como uma condição para que o homem seja um animal capaz de lançar-se ao futuro, "para tornar-se ele próprio confiável, constante, necessário, também para si, na sua própria representação, para poder enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir! "[98] Se a memória não existisse o homem não conseguiria realizar qualquer ato que não fosse pura reatividade. É a constância garantida por ela que garante que o homem aja ao invés de abandonar-se as intempéries que o circunda e ao agir tornar possível que molde a si mesmo.

A potência da memória pode ser entendida de modo a levar o homem por dois caminhos: um ativo e profícuo e outro reativo e pouco produtivo. O segundo caminho caracteriza a memória como algo que possui a função de guardar os acontecimentos como uma biblioteca ou como um disco rígido de computador que mantém o homem preso ao instante, porém a um instante indefinidamente longo. Assim, como foi dito anteriormente, essa característica da memória que alonga o instante possui o mesmo efeito que a falta dela, pois perde-se no mesmo turbilhão do devir quando pensa o registro enquanto um fim em si mesmo, uma acumulação de dados. Sua imagem é a de uma linha indefinidamente puxada e segmentada entre presente, passado e futuro sendo o futuro consequência direta do presente e esse do passado. A memória como algo que permanece indefinidamente como um fim em si mesmo está ligada à busca de um fundamento eterno para o mundo. É pensar que o que existe está pronto e permanecerá indefinidamente. É essa ideia, de que há um fundamento no

---

[97] KREIMER, Roxana. (2000) *Nietzsche, autor de "Funes, el memorioso". Crítica al saber residual de la modernidad*. In: Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura. Tradução própria.p.1.
[98] NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral, Uma Polêmica*. Tradução Paulo César Souza.p.48.

mundo, que Nietzsche critica quando faz referência ao platonismo, negando o fundamento, uma memória ativa em lugar de uma reativa.

> [O estado de corrupção.-] Compreender a correspondência de todas as formas de corrupção; e não esquecer de incluir nelas a corrupção cristã (Pascal como tipo); tampouco a corrupção socialista-comunista (uma consequência da cristã) – a suprema concepção de sociedade dos socialistas é a mais baixa na hierarquia das sociedades; o "além" – corrupção: como se houvesse um mundo da vigência do ser [Seienden] fora do mundo real, do devir.[99]

É importante lembrar novamente a distinção entre aquilo que é chamado de vontade de verdade e a vontade de potência; a primeira é ligada à uma definição de verdade como essência metafísica do mundo: conceitual e identitária. A verdade criticada por Nietzsche é essa que é tratada como uma potência a-histórica, que determinaria o mundo de fora para dentro que deveria ser "desmascarada" pela razão, esta seria como um fundamento para o mundo. Nietzsche apresenta um mundo perspectivo múltiplo e mutável, não coloca um fundamento no mundo e sim, o desenha como uma manifestação da vontade de potência. Nesse sentido a existência é criação tendo como força a vontade de potência.

Seguindo essa lógica, a memória quando ligada à vontade de verdade é pura sedimentação e paralisia, quando a ligada à vontade de potência é multiplicidade e proficuidade; bem como o esquecimento ligado à vontade de verdade é uma verdadeira punição e obra de desleixo, enquanto o esquecimento é parte da capacidade criadora da vontade de potência.

3.3 A memória como redução e o esquecimento como abertura

A memória aparece como uma redução, um ajuste de foco; ao propor interpretações possíveis ela elimina outras tantas igualmente possíveis, porém não tão potentes quanto aquela naquele momento. O esquecimento dá a possibilidade de o homem experimentar novos focos, novas possibilidades. Essa memória é mobilizadora de forças. Na obra, *Genealogia da moral*, Nietzsche ressalta esse aspecto, ela dá a capacidade para a permanência fazendo o homem permanecer em si e torna possível experimentar as possibilidades abertas pelas forças mobilizadas que permitem a existência da memória. É a partir dessa capacidade que o homem passa a querer para trás e a querer para frente:

> É esse o sentido de uma das mais sugestivas páginas do Zaratustra, o capítulo intitulado "Da visão e do enigma". Aqui o núcleo da visão, que constitui ao mesmo tempo o enigma e sua solução, é que os dois caminhos do passado e do futuro estão unidos firmemente sob a grande porta em que está escrito "Augenblick", O instante. É esse o instante da decisão a partir da qual o tempo se estende em suas dimensões

[99] Idem.p.50.

> constitutivas. E o presente é justamente decisão, corte e discriminação apenas em relação à decisão de que existe um passado e um futuro. Antes disso não existe o tempo nem sequer como simples fluxo, já que até um fluir implica uma direção, um ir para, e, portanto, já contém aquela distinção, aquela discriminação que só a decisão é capaz de instituir. Não é a decisão que está no tempo, somos obrigados a dizer, portanto, mas é o tempo que está na decisão.[100]

Assim a memória possui o condão de ordenar as ações do homem no mundo e mantê-lo mobilizado para fazê-lo, é ela que mobiliza e dá vazão para a vontade de potência, mantém uma possível hierarquia das forças e efetiva ações a partir delas. É essa força que extrai das lembranças sua força estética e possibilita transformar a vida em obra de arte. A memória só existe em favor da vida e, por ser assim, faz sentido como uma grandeza capaz de mobilizar as forças e mantê-las assim e ao fazê-lo ela se esquece de que existem outras possibilidades de hierarquias de forças, disponibilizando um cabedal de ações possíveis.

Esse lugar para a memória só pode existir sob a perspectiva da vontade de potência, da vontade criadora pensando o mundo a partir da falta de fundamento, seu sentido tem que ser criado e recriado múltiplas vezes. Mais um motivo para pensar a memória como restritiva, quando ela mantém uma possibilidade interpretativa estável assume ser a única maneira do homem agir sob aquela perspectiva.

Pode-se pensar que se a memória fosse a única força reinante, a multiplicidade, a mudança de perspectivas e a experimentação de cada uma não seria possível; assim a vida assumiria aquela relação de causa e efeito tão criticada ao longo da obra nietzschiana porque ela não faria uma série contínua de experimentos, logo o esquecimento seria uma outra força atuando. Seu papel é limpar o terreno, abrir caminho para que a memória possa agir novamente de maneira original.

O esquecimento não é uma força que atua dialeticamente em relação a memória. Pensar dessa forma é imaginar uma vez mais que existe um fundamento para o mundo e um destino para o homem, uma ordem preestabelecida que diz inequivocamente quando o esquecimento irá atuar, isso seria cair na armadilha da tradição platônica que diz que há uma ordem oculta na Terra. O esquecimento não atua no fim da memória, ele atua segundo seu ritmo e a cada vez refaz o ciclo da criação.

Pensar Nietzsche a partir da perspectiva do jogo de forças é abrir mão de pensá-la de modo dialético, elas não estão em oposição. Assim como a memória, o esquecimento também possui uma potência plástica. As ações são feitas de memória e esquecimento, mobilização e distensão não um ou outro, mas um e outro imbrincados. As ações no mundo são fruto da

[100] VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche*. Tradução: Silvana Cobucci Leite.p.66.

mobilização que somente a memória é capaz, elas são imprevisíveis pois são atravessadas, escavadas pelo esquecimento. A relação entre a memória, o esquecimento e a criação é exemplificada no trecho que segue onde parece que todas as forças confluem para a criação, a existência humana parece material que toma forma nas mãos do artista:

> Ouvi, novamente pela primeira vez, a abertura de Wagner para os Mestres cantores: eis uma arte soberba, grave, carregada e tardia, que tem o orgulho de pressupor, para seu entendimento, que dois séculos de música permanecem vivos – o fato de esse orgulho se ter justificado é algo que honra os alemães! Que seivas e forças, que estações e latitudes não se acham aqui mescladas! Ora nos dá uma impressão de antiguidade, ora de estranheza, aspereza e excessiva juventude; é tão caprichosa quanto pomposa-tradicional, não raramente travessa, mas frequentemente grosseira e rude – tem fogo e ânimo, e ao mesmo tempo a pele seca e baça dos frutos que amadurecem tarde demais.[101]

O "deus círculo vicioso" que, na interpretação de Pierre Klossowski, representa o caos, um deus sem fim nem sentido não pode tolerar forças em oposição, a oposição é em si uma ordem, pressupõe uma dinâmica dialética, uma harmonia. A criação proporcionada pela memória ocorre entremeada pelo esquecimento, o esquecer não é o fim da memória, se fosse estaria retornando às relações de causa e efeito que o círculo vicioso nega. São interrupções ao acaso que ela proporciona e faz com que as coisas saiam do modo como saem. A memória não possui uma ordem ela também é descontínua. Todo o encadeamento visto na memória é fruto do acaso:

> A doutrina do círculo vicioso tem o efeito de abolir o princípio de identidade, a identidade individual, e, portanto, também, os atos dos prepostos da potência, que, entretanto, somente a exercem se imaginam previamente um objetivo sentido para sua ação. Mas, porque o círculo vicioso suprime, com as identidades, a significação dos atos, definitivamente, e necessita de sua repetição infinita numa total ausência de objetivo, aí está o motivo pelo qual ele passa a ser, no complô, o critério seletivo da experimentação. [102]

Cabe dizer que a "redução", a "mobilização" de forças aqui apresentadas não significa dizer que a memória retém as forças de alguma forma; seu papel é garantir que as forças por ela mobilizadas sigam um determinado caminho, a redução é como uma redução da passagem, como o afunilamento das margens de um rio por onde as águas devem passar seguindo um desenho diferente a cada vez, a água não cessa de passar os caminhos que mudam a cada momento. Essa característica da memória desenvolvida nessa secção é perfeitamente compatível com o conceito de perspectivismo, na verdade a memória é a garantia de experimentação de uma perspectiva e o esquecimento a garantia de que a perspectiva poderá ser modificada.

---

[101] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César Souza.p.147.

[102] COLÓQUIO DE CERISY: *Nietzsche hoje?* Tradução de Scarlett Marton. Rio de Janeiro.p.12-13.

Lembranças não são documentos, são materiais que criam ações pelo mundo. A grandeza do artista, segundo Nietzsche, é aquela de atribuir forma ao mundo, forma a um mundo potencialmente sem forma. Uma forma que emerge puramente ao acaso e que se faz presente pela mera experimentação, assim pensar a memória enquanto uma redução é pensá-la como um ajuste de foco, uma determinação em um mundo indeterminado.

3.4 Identidade e esquecimento

A questão que se põe a partir daqui é: A quem as forças mobilizam? A filosofia nietzschiana rechaça os pressupostos da metafísica tradicional, atribuir a um sujeito essa mobilização de forças é remeter à ideia de que há alguém que deve anteriormente à existência das forças mobiliza-las e a partir de então usá-las, o sujeito é também resultado de uma configuração de forças:

> Mas agora observem o que é mais estranho na vontade – nessa coisa tão múltipla, para a qual o povo tem uma só palavra: na medida em que, no caso presente, somos ao mesmo tempo a parte que comanda e a que obedece, e como parte que obedece conhecemos as sensações de coação, sujeição, pressão resistência, movimento, que normalmente têm início logo após o ato de vontade;(...)Desse modo o querente junta as sensações de prazer dos instrumentos executivos bem-sucedidos, as "subvontades" ou sub-almas- pois nosso corpo é apena uma estrutura social de muitas almas – à sua sensação de prazer como aquele que ordena. L'effet c'est moi [o efeito sou eu][103]

Nietzsche atribui toda a criação à vontade de potência que é a própria força criadora presente na natureza, essa criação não é atribuída ao homem é ele que está imerso nela e ela passa por ele. Quando se refere à vontade, Nietzsche dá mais uma prova de que pensa a unidade do sujeito como um resultado casual do jogo de forças. Assim, a partir daqui, pode-se continuar uma argumentação iniciada anteriormente acerca do sujeito. A memória não é um bloco, vê-la como um bloco é o mesmo que ver o sujeito como um, ele é feito de uma hierarquização fortuita de forças que tornam possível que apareça de diversas formas. Tudo isso já foi analisado anteriormente, porém ao pensar a identidade como uma hierarquização fortuita de forças é possível pensar também que cada força que participa dessa hierarquização é afetada descontinuamente, o que altera as possibilidades de hierarquização de forças e abre caminho para novas formas de interação.

Assim é possível pensar que a memória e o esquecimento atuam simultaneamente no sentido em que as "Muitas almas" que habitam o corpo possuem um caminho próprio e

[103] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução Paulo César Souza.p.24-25.

simultâneo, uma força não cessa para outra passar. Elas se relacionam e atuam umas sobre as outras, a contrição e a distensão, que é o que a memória e o esquecimento representam, atuam simultaneamente. O homem e suas ações são feitos de múltiplos esquecimentos e múltiplas memórias sendo a hierarquia formada por uma série de continuidades e descontinuidades.

> Quem ajuíza ainda que "assim deveriam neste caso todos agir", não avançou sequer cinco passos no conhecimento de si próprio: saberia, de contrário, que não há, nem pode haver, ações iguais, que cada ação executada o foi de uma maneira muito particular e irrecuperável e que isso se passará igualmente com cada ação futura, que todos os preceitos da ação tem a ver apenas com a tosca parte exterior (mesmo até os mais íntimos e delicados preceitos das moralidades anteriores), que com eles se conseguirá alcançar uma aparência de semelhança, mas exatamente apenas uma aparência, que ao considerarmos toda a ação presente e passada ela é e fica uma coisa impenetrável, que as nossas concepções daquilo que é "bom", "nobre", "grandioso", nunca podem ser comprovadas através de nossas ações porque não é possível conhece-las, que as nossas opiniões, apreciações e tabelas de valores pertencem seguramente aos mecanismos das nossas ações, todavia, as leis desses mecanismos são para cada caso indemonstráveis.[104]

A vontade de potência não é apreensível, controlável e nem harmonizável, ela efetiva-se como força criadora da vida. Por essa razão Nietzsche irá lançar todo o cognoscível, todo o apreensível para o campo da criação. Logo, só é possível conhecer enquanto se experimenta e as próprias possibilidades de fazê-lo, elas mesmas, são caóticas. A memória então tem um estatuto de permanência enquanto a experimentação ocorre sobre a superfície do mundo. Não há nenhuma descoberta essencial, pois ela, a essência, de fato não existe:

> 4. Astrologia e coisas afins. – É provável que os objetos da sensibilidade religiosa, moral e estética pertençam apenas à superfície das coisas, enquanto o ser humano gosta de crer que pelo menos nisso ele toca no coração do mundo; ele se engana, porque essas coisas o fazem tão bem-aventurado e tão profundamente infeliz, e, portanto, mostra aí o mesmo orgulho que na astrologia. Esta acredita que o céu estrelado gira em torno do destino do homem; o homem moral pressupõe que aquilo que está essencialmente em seu coração deve ser também a essência e o coração das coisas.[105]

O homem pode pensar a si mesmo como expressão de uma força criadora à medida em que é de sua natureza criar significados para o mundo. Essa possibilidade de criar imagens torna necessário que o homem crie a si mesmo, pois o homem também é parte dessa força plástica da qual o mundo é formado. O próprio homem deve ser uma obra de arte. A fragmentação do homem exposta pela leitura de Georges Bataille sobre Nietzsche encaixa-se como uma luva na argumentação feita até então: para o filósofo o homem é um ser de natureza fragmentária o foco e a escolha dos objetos sobre os quais ele lança a atenção são por natureza provas dessa fragmentação. Assim a identidade está intimamente ligada àquela ideia de que a memória age encerrando um foco enquanto o esquecimento lança o homem

[104] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho.p.236.
[105] NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução Paulo César Souza.p.17-18.

novamente no caos insignificante. A identidade desenvolvida como individualidade sempre igual na sociedade moderna dá a ilusão de uma unidade que de fato não se sustenta e que só se torna visível no momento da liberdade criadora, que mostra as possibilidades que não foram contempladas: "O homem, ser fragmentário, tudo o que faz é procurar uma integralidade impossível".[106]

A fragmentação e o acaso também dão a tônica da leitura de René Char sobre o filósofo, que vê nas possibilidades estéticas um meio de sugerir leituras potentes sobre o mundo ao redor como expressão da liberdade e experimentação:

> Os termos do "acaso" e do "enigma" foram pronunciados por Nietzsche. E aqui se inquietou por não achar mais que pistas, reivindica ao mesmo tempo, seguindo uma direção totalmente diferente, mas que representa de fato uma fase mais avançada que aquela que pensou em uma dinâmica dialética, o título de "redentor do acaso". E então não quer dizer que quer anular os efeitos do acaso, mas ao contrário preservá-lo, em toda a surpresa que é.[107]

Assim o acaso aparece novamente como algo constitutivo da ação humana, abrindo possibilidades para as diversas combinações possíveis de forças.

3.5 Esquecimento, estilo e obra

A memória guarda em si uma gama de futuros possíveis, essa noção resume a tônica de todas as caracterizações da memória feitas até então. Ela por não ser um repositório de lembranças ganha a força para estar na base da confecção do futuro, abrindo possibilidades de ação para homem. A capacidade de manter as forças mobilizadas em determinadas configurações dá ao homem a força para criar e ordenar sua própria existência. O esquecimento, por sua vez, aparece como a capacidade de distender essas forças e realocá-las de outra forma. Nietzsche coloca o homem como um ser criador porque cria mitologias, metáforas e atribui nomes às manifestações que percebe, ordenando-as e reordenando-as à medida em que é possível realizar novas ações. Ele explora as possibilidades de interpretação abertas pela criação:

> De acordo com isso, compreende-se melhor por que Nietzsche pôde autoestilizar-se em primeiro Niilista Europeu consumado. Com efeito, sua interpretação do niilismo repousa sobre um pressuposto, que constitui também o resultado fundamental de sua crítica da moral e da metafísica: nosso tempo é a era da insubsistência das valorações absolutas e incondicionais. E, se assim é, então essa conclusão afeta também a possiblidade da verdade e da fundamentação última do conhecimento, os valores supremos e derradeiros reconhecidos pela moderna racionalidade científica.

---

[106] BATAILLE, Georges. *Oeuvres Completes VI*. Tradução própria.p.18.
[107] ASPEL, Paulène. *René Char et Nietzsche.* Tradução própria.p.174.

> Também o valor da verdade, enquanto absoluto, cairia sob o veto de tal conclusão, pois, nesse sentido, não existe nenhuma verdade, "coisa em si", nem uma constituição ou significação incondicional das coisas.[108]

A memória é potente à medida em que dá suporte para a ação humana, ela não expressa nenhuma verdade essencial sobre a realidade. Como o mundo não possui uma substância última, nenhuma essência apreensível pelo homem, ele precisou criar tais instrumentos para poder desenvolver-se. O niilismo evocado por Nietzsche refere-se a essa necessidade de criação de valores para o homem agir; ao não poder mais buscar uma verdade última sobre o mundo e ele mesmo precisará criá-la. Assim o niilista navega no imponderável, no inapreensível, indizível e inaudível. Por não haver valor algum para se descobrir, o filósofo é mais próximo do artista que do cientista. Ele não revela o mundo, mas experimenta sobre o mundo os valores por ele criado.

> Não se deve coisificar erroneamente "causa" e "efeito", como fazem os pesquisadores da natureza (e quem, assim como eles, atualmente "naturaliza" no pensar -), conforme a tacanhez mecanicista dominante que faz espremer e sacudir a causa, até que "produza efeito"; deve-se utilizar a "causa", o "efeito", somente como puros conceitos, isto é, como ficções convencionais para fins de designação, de entendimento, não de explicação. No "em si" não existem "laços causais", "necessidade", "não-liberdade psicológica", ali não segue "o efeito à causa", não rege nenhuma "lei". Somos nós apenas que criamos as causas, a sucessão, a reciprocidade, a relatividade, a coação, o número, a lei, a liberdade, o motivo, a finalidade; e ao introduzir e entremesclar nas coisas esse mundo de signos, como algo "em si", agimos como sempre fizemos, ou seja, mitologicamente. [109]

A crítica que Nietzsche faz à tradição filosófica é a da incapacidade que o homem tem de mudar de perspectivas, de configurar as forças de outras formas, enquanto ele estiver na busca por fundamentos que não existem. Seu esforço é no sentido de manter essas forças paralisadas eternamente, pois diriam algo de fundamental sobre a natureza humana. Fundamentar a existência em uma pretensa relação de causa e efeito é tomar uma rede de valores criados pelo homem por valores encontrados na natureza. O filósofo segundo Nietzsche deveria ter ciência da impermanência dos valores por ele atribuídos.

> Serão novos amigos da "verdade" esses filósofos vindouros? Muito provavelmente: pois até agora todos os filósofos amaram suas verdades. Mas com certeza não serão dogmáticos. Ofenderia seu orgulho, e também seu gosto, se a sua verdade fosse tida como verdade para todos: o que sempre foi, até hoje desejo e sentido oculto de todas as aspirações dogmáticas. "Meu juízo é meu juízo: dificilmente um outro tem direito a ele" – poderia dizer um tal filósofo do futuro.[110]

Manter as configurações é manter os modelos que o *establishment* utiliza, e o gregarismo tão criticado por Nietzsche em vários de seus escritos. O esforço do homem

---

[108] GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa*. *2ª edição*.p.245.
[109] NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução Paulo César Souza.p.21.
[110] Idem.p.47.

moderno é o de manter-se atado ao modelo de homem fruto da vontade de verdade. Não há porque admitir a vontade de potência como criadora e pensar o homem como um animal sempre idêntico a si, desse modo a criação do homem deve começar com a criação de si próprio. Essa questão aparece para Nietzsche desde os primeiros escritos e ganha um desenvolvimento bastante intenso.

> Na interpretação dessa singularidade conclamada por Nietzsche, dois contrassensos devem ser evitados. O primeiro é convocar o indivíduo para a tarefa de "tornar-se o que se é" - uma questão constantemente abordada por filósofos e moralistas convidar o ser humano a buscar sua natureza íntima "a conhecer a si mesmo". Para isso, bastava que o indivíduo se despojasse dos artifícios que cobrem o seu íntimo. Poder-se-ia pensar que, de certa forma, o mesmo se dá com Nietzsche. Entretanto, não se pode aplicar uma leitura metafísica à questão do individualismo em Nietzsche. A crítica da noção de sujeito, de consciência e de "eu" é uma constante em sua obra. Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche repudia a ideia espúria de um "eu" fixo estável, a qual contribui, em muitos aspectos, para a vida gregária, pois, no fundo, esse "eu" é igual a todos os outros "eus" gregários.[111]

Se as forças dão conta de manifestações singulares o "Eu" também é uma manifestação singular, um caso fortuito, ele é criatura e criador. Essa singularidade é expressa pela divisa apropriada por Nietzsche que se repete em diversos cenários: "Vem a ser aquilo que tu és". Levando em conta as discussões feitas anteriormente não é possível pensar o "Eu" como algo paralisado, ele está sempre em um movimento de realocação das forças que o compõem. A partir daí que pode-se falar em imprimir estilo a si mesmo:

> Assim, para o filósofo, não existe um verdadeiro eu, pois ninguém pode estar certo de ter-se despojado de todas as suas máscaras. Por trás de cada máscara, há sempre muitas outras máscaras; por trás de cada pele outras peles: "Se é verdade que a lebre tem sete peles, o homem pode despojar-se de setenta vezes sete peles e ainda não poderá exclamar: Até que enfim! Agora, este és tu na verdade! Já não é mais uma casca! "[112]

A memória é parte importante em conjunto com o esquecimento. Imprimir estilo é o modo que Nietzsche utiliza para que o passado seja usado como força plástica, para criar modos de existir no mundo. Assim a memória ganha uma importância capital para a criação do estilo: as experiências passadas esculpem o estilo entremeado de esquecimento para a experimentação de outros diversos estilos que abrem um sem número de possibilidades de interpretação, fragmentárias e descontínuas. Quando o homem pensa em algo como um eu, é nessa quantidade de interpretações possíveis e descontínuas a que ele se refere:

> Sabemos hoje que a vontade pode acompanhar ou não nossos atos e processos fisiopsicológicos; não, porém, ser considerada como causa dos mesmos. Sabemos que a consciência é pele e superfície, apenas a ponta do iceberg de nosso si próprio corporal, que deve antes ser concebido como uma estrutura social de muitas almas; sabemos que boa parte do que consideramos como "Eu" é, na verdade, inconsciente; sabemos também que o "Ego" não é sequer senhor em sua própria casa, quanto mais

[111] ROSA, Dias. *Nietzsche, vida como obra de arte*.p.104.
[112] Idem.p.105.

> causa de movimento. Mas sabemos, justamente com isso, que a crença fetichista em todas essas hipóstases foi a condição mental preparatória e necessária para o desenvolvimento do "espírito científico".[113]

Assim vem à tona um posicionamento sobre a memória que foi delineado por todo o preâmbulo percorrido: memória não é lembrança. A lembrança é aquilo que se confunde normalmente com a memória ela tem a ver com assunção de perspectivas, com a preparação do corpo para a ação. Ocorre que como o corpo é um centro de ação é na ação que as perspectivas se constroem, na experimentação das perspectivas a própria perspectiva se faz. A memória ocorre então como um centro de possibilidades que quando testadas geram outras possibilidades, pois ela torna possível interpretações diversas de todas as experiências anteriores. Essa dinâmica é própria da vida que é feita de criação de possibilidades de interpretação e ação, a vida é mais potente à medida em que torna possível que ela aconteça e sua potência aumenta com isso:

> Tudo isto ocorre no mais alto grau de atonia da nossa liberdade, como que numa torrente de embriaguez, de liberdade que nos ultrapassa, de aniquilamento, de poder que nos transcende, de comunhão divina...O mais estranho é o caráter de necessidade da imagem e da metáfora; perde-se todo o sentido do que uma e outra são; oferecem-nos como a expressão mais direta, mais justa, mais simples. Dir-se-ia, na verdade, conforme a palavra de Zaratustra, que a coisa vem por si até nós, desejosas de converter-se em símbolos (- "eis como acorrem todas as coisas cheias de amor e de ternura pedindo a tua palavra e o teu discurso: querem voar levadas por ti. E através de cada símbolo voas tu para cada verdade. Eis que se abrem para ti todos os sentidos da palavra; e todo o ser se converte em palavra e tudo quanto existe quer através de ti alcançar o segredo da palavra"-). Eis a minha experiência da inspiração; e não duvido de que se teria de recuar milhares de anos para encontrar alguém com o direito de dizer: "é a minha também". [114]

A ação humana é produto e produtora de si própria pois, não é possível fazer nada além de interpretar. As questões que se colocam são: até que ponto os homens arrogam para si a criação? Até que ponto a delegam? Quando delegam apostam na identidade irrestrita de tudo o que o rodeia, no tédio, quando tomam a criação para si tem a força para garantir que a verdade é o que não existe, e sim aquilo que se coloca no mundo ao redor. Desse modo as experiências só são possíveis através do esquecimento que proporciona a vivacidade de existir inúmeras vezes de inúmeros modos diferentes. A memória está sempre grávida na mesma proporção em que os homens são criadores.

Posto isso, existe uma conotação que deve ser dada sobre o papel da memória na filosofia nietzschiana e a ela diz respeito à intensidade das experiências e não a sua guarda, essa distinção é de suma importância para a sua compreensão. Pensar a memória como um

---

[113] GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa 2ª edição*.p.282.
[114] NIETZSCHE, Friedrich *Ecce Homo, como se chega a ser o que se é*. Tradução de José Marinho.p.104.

lugar que guarda lembranças é imaginar que ela de fato memoriza quando a proposta de Nietzsche é que ela não é fiel depositária do passado.

CONCLUSÃO

Essa dissertação discute o seguinte problema: como a memória é definida sob a luz da filosofia nietzschiana, que questões relevantes ela apresenta para contribuir com as possibilidades de interpretação abertas por sua filosofia? Assim foram definidos três eixos de trabalho que se misturam: o primeiro apresenta uma caracterização da memória como um depósito de lembranças que foram adquiridas ao longo da vida fazendo com que o homem possa sempre remeter-se a ela para afirmar a sua identidade e algum ideal de verdade; o segundo utiliza um outro paradigma para conceito de memória que apresenta uma outra abordagem, ao invés de pensa-la como um depósito, a utiliza como um centro de forças onde o ser humano deve direcioná-las para realizar sua existência. A memória não aparece nessa segunda caracterização como uma guardadora de lembranças, mas como um ponto nodal das forças constituintes da vida; por fim uma caracterização da força do esquecimento e como ela se relaciona com a memória dando forma as ações humanas.

A partir do desenho posto acima uma série de questões precisam ser encaminhadas com mais profundidade: as caracterizações da memória aqui postas são opcionais ou cumulativas? Se pensar que uma caracterização substitui a outra então haverá um retorno à dialética, pois há o esclarecimento sobre o conceito de memória a partir de um processo de oposição entre uma e outra. A hipótese exposta é justamente a seguinte: Nietzsche aponta duas características possíveis da memória e explora todas as suas possibilidades. Uma primeira, reativa, que guarda as lembranças como arquivos, passivamente e assim retornam o tempo inteiro como apareceram pela primeira vez fazendo com que os homens possam somente reagir a seus registros e a segunda, ativa, as pensa como matéria prima para as ações humanas e não seu corolário. Desse modo a principal diferença entre os posicionamentos da memória aqui estudados é o tratamento conferido à lembrança. Para o primeiro ela é tudo, ela é a razão de ser da memória, seu papel é o de receber e guardar é isso que fala o início do texto: a memória é vista como um livro de registros descolado do corpo. Para o segundo elas não são o fim da memória, ela as mantém no devir, pois são matéria para ações humanas. Porém, cabe salientar que ao referir-se a duas caracterizações de memória não significa dizer que existam duas memórias que coexistam no interior da humanidade, mas que a memória, assim como tudo que há no mundo, possui múltiplas possibilidades de existência que se combinam e recombinam dinamicamente.

Após explorar questões acerca da memória é o momento de averiguar o lugar do esquecimento e como ele aparece em relação às definições apresentadas. O esquecimento

visto sob a perspectiva da reatividade é uma destruição completa uma vez que o caráter reativo da memória é, por definição, identitário. A grande força da reatividade da memória é a dimensão do acúmulo, lembranças são pedras preciosas que são guardadas indefinidamente, mesmo sem serventia. O esquecimento destrói a memória e a enche de culpa e reatividade. Em relação à característica ativa da memória, ao invés de ser uma força destrutiva, o esquecimento é um instrumento de construção e aprofundamento. Esquecer é a oportunidade de o portador da memória poder livrar-se do peso daquilo que já foi experimentado e poder fazê-lo uma vez mais com toda a intensidade possível.

Para Nietzsche o homem é um produtor de imagens e no fundo, não é possível falar definitivamente sobre nada. É possível experimentar e agir de modo potente e essa força aparece como criação a partir das experiências dadas no mundo que são possíveis graças a possibilidades abertas pela memória. O mundo não possui um fundo ele constrói-se sobre areia que muda ao sabor do acaso transformando a paisagem ao redor e apresentando novos mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ASPEL, Paulène. René Char et Nietzsche. Revue Liberte, Volume 10, Numéro 4, Juillet, Août, 1968, p. 166–182. Hommage à René Char.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

BATAILLE, Georges. *Oeuvres Completes VI*. Paris: Gallimard, 1973.

BILATE, Danilo. *A tirania do sentido:* uma introdução à Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad Editora ltda. 2011.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *A metáfora da criança como expressão da inocência do devir em Heráclito e Nietzsche*. In. Ensaios Filosóficos Volume XIV, dezembro 2016.

BORGES, Jorge Luis. *El libro de los sueños*. Buenos Aires: Debolsillo, 2013. E-book.

BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Buenos Aires: Debolsillo, 2014.

BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Tradução de Fernando Padrão de Figueiredo e José Eduardo Pimentel Filho. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

CADERNOS NIETZSCHE. Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo, 2013 n°32.

CAHIERS DU ROYAUMONT, PHILOSOPHIE N°VI - Nietzsche. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

COLÓQUIO DE CERISY: *Nietzsche hoje?* Tradução de Scarlet Marton. Rio de Janeiro. Ed Brasiliense, 1985.

CUNHA, Maria Helena Lisboa da. *Nietzsche Espírito Artístico*. Londrina: Ed. CEFIL, 2003.

D'IORIO, Paolo. *O eterno retorno. Gênese e interpretação*. Tradução de Ernani Chaves. *Cadernos Nietzsche nº20*, Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo, 2013.

D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália, a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Tradução de Joana Angélica d'Avila Melo. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2014.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos:* textos e entrevistas (1953-1974). Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: editora Iluminuras, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1965.

DERRIDA, Jacques. *Esporas:* os estilos de Nietzsche. Tradução de Rafael Haddock- Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau editora,2013.

DIAS, Rosa. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

DIAS, Rosa. *A Euforia de Nietzsche em Turim*. In. O que nos faz pensar? n°18, 2004.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar:* um ensaio a partir de F. Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial & Editora UNIJUÍ, 2005.

GIACOIA Jr, Oswaldo. *Nietzsche o humano como memória e como promessa:* 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GRANIER, Jean. *Que sais-je? Nietzsche*. Paris: PUF, 1982.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche:* vol. 1. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.

JASPERS, Karl. *Nietzsche: introduction a sa philosophie*. Paris: Gallimard, 1950.

KAFKA, Franz. *Um médico rural*. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KLEIST, Heinich Von. *Sobre o teatro de marionetes*. Tradução de Ianchelli Ghinzberg. Disponível em:http://pontocinza.blogspot.com/2008/03/teatro-de-marionetes.html. Acesso em 03 de março de 2015.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche y el círculo vicioso*. Tradução de Roxana Páez. Buenos Aires: Editorial Altamira, 1995.

KREIMER, Roxana. (2000) Nietzsche, autor de "Funes, el memorioso". Crítica al saber residual de la modernidad. In: Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura. Buenos Aires: Paidós. Disponível em: Acesso em 20 de junho de 2012.

LEBRUN, Gerard. *Quem era Dioniso?* In. Kriterion n° 74-75 (janeiro/dezembro 1985) Tradução de Maria Heloisa Noronha Barros. Belo Horizonte: Departamento de filosofia da UFMG, 39-66.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

MARQUES, Antonio. "*No fundo sou todos os nomes da história". Nietzsche os vinte anos fundamentais a partir de suas cartas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

MARQUES, Antonio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial & Editora UNIJUÍ, 2005.

MARTINS, André. *Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos: encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo* in O que nos faz pensar, n.14. Revista do Departamento de Filosofia da PUC-RJ. Rio de Janeiro: PUC, 2000, p.183-198.

MARTON, Scarlett. *O eterno retorno do mesmo, "a concepção básica de Zaratustra*". In. Cad. Nietzsche, Guarulhos/Porto Seguro, v.37, n.2, p. 11-46, julho/setembro, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Maria Helena Rodrigues de Carvalho, Maria Leopoldina de Almeida e Maria Encarnação Casquinho. Lisboa: Relógio D'água Editores. 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marco Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto editora, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro, Editora Sete Letras, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Correspondencia VI Octobre 1887- enero 1889*. Tradução de Joan B. Linares. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como se chega a ser o que se é. Tradução de José Marinho. Lisboa, Guimarães Editores, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments posthumes, automne 1887- mars 1888*. Tradução: Pierre Klossowski. Paris: Gallimard, 1976.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Le livre du philosophe*. Tradução: Angéle Kremer-Marietti. Paris: Flammarion, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *O viandante e sua sombra*. Tradução de Heraldo Barbuy. Rio de Janeiro: Edições e publicações Brasil editora S.A, 1948.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sabedoria para depois de amanhã*, seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*.. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. E-book.

NIETZSCHE, Friedrich. *Terceira Consideração Intempestiva:* Schopenhauer educador. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2008.

OS PENSADORES, *Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PESSOA, Fernando. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 2011.

PLATÃO. *A república.* Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

QUIROGA, Rodrigo Quian. *Borges y la Memoria, un viaje por el cérebro humano de "Funes el memorioso" a la neurona de Jennifer Aniston.* Buenos Aires. Sudamericana, 2015.

ROSA, Dias. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Político*. Tradução: Carlos Alberto Bárbaro. São Paulo. Cia das Letras, 2003. E-book.

VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.